

BELONY
ALMA
FERREIRA
TERRA

PAULA RAMOS
(Org.)























Paula Ramos (Org.)

BELONY
ALMA
FERREIRA
TERRA

Maria Helena Bernardes

Paola Zordan

Paula Ramos

Sandra Alencar



Porto Alegre, 2024

Foram muitas as almas que encontraram a minha, nesses anos de tantas caminhadas.

Agradeço aos meus professores, que incentivaram, sem julgamentos, esta aprendiz tardia do ofício artístico; aos colegas, que enriqueceram minhas experiências nas intensas trocas em ateliê e no mundo da arte.

À equipe do projeto, dedicada e carinhosa, que muito trabalhou, acreditou e me incentivou, e àqueles que, com qualquer contribuição e palavra de apoio, me ajudaram a alcançar este objetivo de tantos anos. A todos, minha mais profunda gratidão.

Agradeço à minha família, início, meio e fim de tudo. Aos meus filhos, Cida e Joca; aos meus cinco netos: Carolina, Jamile, Yuri, Iago e Mariuá; aos meus seis bisnetos: Júlia, Ana, Catharina, Pedro, Luiza e Joãozinho.

Por último, ao meu parceiro de vida, que nos deixou antes de ver este livro se materializar, mas que foi meu apoio incondicional para tantos outros sonhos que realizamos juntos. Esta obra é também sua, Dilceu!

Belony Ferreira



SUMÁRIO

- 17 ALMA TERRA
Paula Ramos
- 85 SARAU VISUAL
BELONY FERREIRA E O GRUPO DOS CINCO
Sandra Alencar
- 97 SUSTENTAR O CANAVIAL
Maria Helena Bernardes
- 117 MULHERES, TERRAS, CORPOS
BELONY FERREIRA EM TRÊS AFORISMOS
Paola Zordan
- 127 NOTAS DE UMA TRAJETÓRIA
Maíra Flores e Paula Ramos







ALMA TERRA

Paula Ramos

“O passado é somente o lugar das formas sem forças;
cabe a nós fornecer-lhes vida e necessidade,
supondo nele nossas paixões e nossos valores.”

Paul Valéry, 1933

18 de julho de 2023, casa de Belony Ferreira, Bairro Nonoai, Porto Alegre. Confessadamente ansiosa, ela se ajeita no lado esquerdo do sofá, já modelado pelo seu corpo. Olha para o telefone celular fazendo as vezes de gravador e se intimida. Está desconfortável, como se esperasse um interrogatório, um inquérito, um julgamento. E então se apresenta: “Belony Alma, porque Alma era o nome da minha mãe: Alma Bühl de Souza”.¹

Interessante, começar pelo nome. O que um nome próprio é capaz de sugerir sobre aquilo que nomeia? O que pode carregar de uma suposta essência?

Ágil ao informar a referência materna, ela tem poucos dados quanto ao seu raro prenome. Sabe apenas que foi o pai quem escolheu: “O pai tinha um amigo, cuja filha mais velha se chamava Belony. E ele gostava desse nome. É só isso que eu sei”.

Em dicionários antroponímicos, “Belony” menciona duas fontes: o italiano *bello* (belo) e a palavra francesa *belon*, que denomina uma espécie de ostra selvagem encontrada em Riec-sur-Bélon, na Bretanha, norte

1. Em entrevista a Paula Ramos e a Maira Flores. Todas as declarações citadas neste texto são decorrentes das entrevistas realizadas com Belony Ferreira nos dias 18 e 26 de julho, 2 de agosto de 2023 e 7 de outubro de 2024. Na reprodução dos depoimentos, buscou-se manter a coloquialidade, mas foram feitas edições e supressões, de modo a facilitar a leitura.

da França. Resistente às correntes oceânicas e às flutuações ambientais, ela é celebrada não apenas por seu sabor, mas por sua tenacidade e constância, o que confere ao nome Belony as qualidades de força e determinação.

Há, ainda, pelo menos, uma terceira origem: Belony como adaptação do hebraico “Benoni”. A história remonta ao parto do segundo filho de Raquel, narrado no livro bíblico do *Gênesis*: “[...] E partiram de Betel. Quando estavam a pouca distância de Efrata, Raquel deu à luz, e o seu parto foi penoso. Durante as dores do parto, a parteira disse-lhe: *Não temas, porque ainda terás este filho*. E, estando prestes a render a alma – porque estava já agonizante –, ela chamou o filho de Benoni; o seu pai, porém, chamou-o Benjamin” (Gen, 35, 16–18).

Curiosamente, as duas palavras que batizam nossa artista se encontram nesses três versículos. Em edições comentadas da Bíblia, o nome “Benoni” vem ainda acompanhado da seguinte glosa: *Filho da minha dor*.

*

Resiliência, fé, coragem, energia, corpo, alma, vida, morte: marcadores que atravessam o nome e a poética de Belony Ferreira.

“TUDO, NA MINHA VIDA, É MUITO LONGO...”

Belony Alma, a quem os familiares e amigos também chamam de “Belô”, “Bêla”, “Bê”, “Bélo” e “Dona Bela”, nasceu a 15 de julho de 1935, na localidade de Três Pinheiros, região de Arroio Grande, divisa entre os municípios de Santo Antônio da Patrulha, Gravataí e Taquara. Filha mais velha dos agricultores Alma Bühl e Otalíbio Martins de Souza, ela cresceu com os quatro irmãos, em meio ao cultivo da cana-de-açúcar.

Eu me criei fazendo rapadura. Moía a cana pra fazer a garapa, que ia pro forno, pra fazer o melado e, depois, pra fazer a rapadura. Mas, claro, a gente tinha as outras plantações de subsistência, assim como vaca de leite, porco que dava banha... Então, eu sou uma pessoa de dois mundos: venho de um mundo sem energia elétrica e estou num mundo *high-tech*. Essa passagem é muito louca e, de vez em quando, eu me sinto meio fora do plano.



Belony Ferreira em três momentos: com um ano de idade, aos 15 e aos 40. Acervo pessoal da artista

A comunidade de Três Pinheiros era constituída por agricultores, com exceção da avó paterna de Belony, Guilhermina Adams, cuja lembrança sempre a emociona:

Eu acho que foi a pessoa que eu mais admirei na vida. Tudo que eu sou, hoje, devo a ela, e eu me espelhei muito nela. A vó foi uma pessoa à frente do seu tempo. Ela era parteira e, a toda hora, pegava o cavalo, subia aqueles matos e ia atender às mulheres em trabalho de parto. E, pelas tantas, ela começou a achar muito difícil andar de vestido. Foi na costureira e fez uma calça. E aquilo foi um escândalo na vizinhança: “Como, assim, uma mulher de calça?”. E ela não tava nem aí: “Eu me sinto mais confortável assim, e pronto!”. Então, ela foi uma mulher que fez história na região. Além dos partos, ela aplicava injeção, fazia curativo, receitava homeopatia... E ela sempre soube... Como é que eu vou dizer... Ela sempre soube preservar o espaço dela. Isso foi um exemplo de coragem pra mim, e me deu muita força, porque a gente vai abrindo caminho na vida, né?

Belony tinha 10 anos quando Guilhermina morreu, aos 56, de insuficiência cardíaca. Embora tenha convivido pouco com a avó, sua lição estava, para



sempre, assimilada. Sem medo da vida, a pequena “Bêla” atendia a diversas demandas familiares, como levar o almoço a quem estava na roça, ou fazer o escambo de grãos. Com frequência, o pai a colocava sobre o cavalo Tordilho, junto com uma grande saca de milho. E lá ia a menina, troteando por cerca de 15 quilômetros, até o moinho. Ao chegar ao destino, o moleiro a descia do cavalo, permutava a saca de milho por outra, desta vez de farinha, ajeitava Belony sobre a carga, e ela retornava para casa, sabendo-se responsável e capaz.

Belony, com 7 anos, e a irmã Lecy, com 3, diante da porta da casa da família, no interior de Arroio Grande. Acervo pessoal da artista

Do milharal extraíam-se muitas coisas: os grãos que viravam polenta; a palha que embalava as rapaduras; as espigas que davam corpo e cabeleira às bonecas das crianças. Não havia qualquer tipo de luxo, mas havia o necessário: patente de madeira na área externa, água no poço, verduras na horta, frutas no pomar.

Tinha tudo em abundância: laranja, bergamota, banana, inhame, jaracatiá e lima, que crescia sem pedir licença. Tinha também marmelo, que já nem se fala mais... A gente era feliz, sabe? Não sei se é porque a gente não conhecia nada, não conhecia outras coisas, ou se é porque a gente tinha sonhos...

Belony estudou as primeiras letras em uma escola rural de Gravataí. Curiosa, lia tudo o que lhe chegava às mãos, embora esse “tudo” estivesse limitado, em grande medida, a publicações católicas, como o *Anuário Mariano* e a revista *Rainha*. Para quem aprendeu a sentir um inusitado prazer na leitura, satisfação era ir à cidade e se deleitar com a meia dúzia de livros oferecidos na papeleria: “Meu Deus, aquilo era uma festa!!! Mas, na verdade, pra gente, a vida era uma festa”.

Foi justamente em uma festa comunitária na cidade de Glorinha que Belony conheceu Dilceu. Ela tinha 20 anos; ele, 18. Conversa aqui, conversa ali, e apareceu aquele rapaz de Porto Alegre, bem-apegoado e discreto, apresentado pelo amigo Diniz.

O Diniz convidou o Dilceu para a festa, chegou e disse pra ele:

– Eu vou te apresentar uma menina que é bem bonitinha, bem ajeitadinha – isso, o Diniz me contou anos depois... Olha só...

E aí o Dilceu foi com ele e, lá chegando, o Diniz me disse:

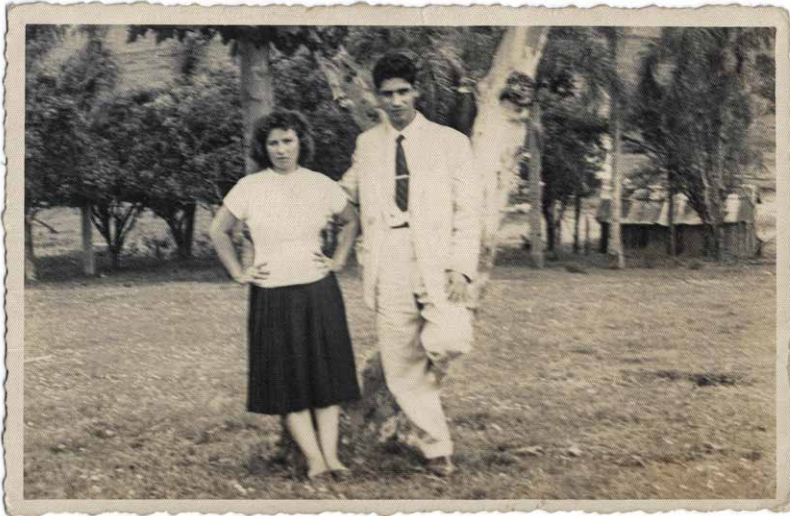
– Quero te apresentar um amigo.

E aí, o que aconteceu...

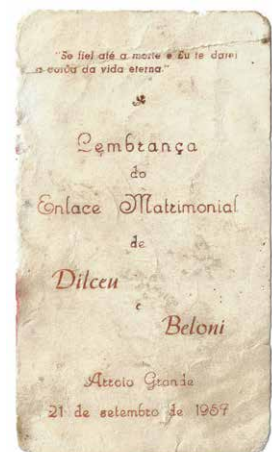
Após dois anos de namoro e noivado, Belony e Dilceu se casaram, a 21 de setembro de 1957. Inicialmente, viveram em uma casa alugada, em Canoas, mas logo se mudaram para Porto Alegre, instalando-se na região da Avenida Campos Velho, que muitos chamavam de “Faixa Preta”, por ter sido a primeira via pública a ser asfaltada naquele bairro. Anos depois, construíram a casa na qual Belony vive há, pelo menos, cinco décadas.

Falecido em 2019, Dilceu era, para a família e conhecidos, uma espécie de “Professor Pardal”, numa alusão ao personagem criado por Carl Barks para os estúdios Walt Disney, em 1952. Inventor mais famoso de Patópolis, o Professor Pardal estava continuamente buscando criar algo novo, recuperar coisas velhas e resolver problemas dos amigos, embora nem sempre seus inventos funcionassem como o planejado. Curioso e introvertido, Dilceu aprendeu a operar artefatos e instrumentos para a visão, tendo atuado, durante anos, em ópticas. Seu maior desejo, porém, era ser projetorista de filmes. E o foi. Durante o dia, era empregado do Presídio Central; à noite, revezava-se entre os cinemas Pirajá, Roma, Castelo, São João e Vitória.

Convivemos juntos por 62 anos, com respeito e liberdade. Eu fazia o que queria, e ele fazia o que queria. O Dilceu nunca me questionou, nunca me impediu de fazer nada que eu quisesse. Eu jamais precisei pedir permissão ou coisa que o valha. Ele me respeitava, e eu, a ele. Se eu fosse escolher um homem, seria ele, sempre ele.



Belony e Dilceu se conheceram em 1955, em uma festa na cidade de Glorinha, momento registrado na primeira foto, no alto, à esquerda. Após dois anos de namoro e noivado, casaram-se a 21 de setembro de 1957, permanecendo juntos por 62 anos, até o falecimento dele, em 2019. Nas palavras de Belony: "O Dilceu nunca me questionou, nunca me impediu de fazer nada que eu quisesse. [...] Se eu fosse escolher um homem, seria ele, sempre ele".
Acervo pessoal da artista





Ao se instalar na capital, além de cuidar da organização da casa, zelando pelo marido e pelos filhos Cida e Joca, que não tardaram a chegar, Belony decidiu colaborar na economia familiar. Fez pães e cucas para vender, foi assistente administrativa em um negócio do irmão e teve, até mesmo, uma loja de calçados na Galeria Augusta, instalada no coração do Bairro Azenha. Com 22 anos de atuação no comércio, entediada e acumulando calotes e prejuízos financeiros, decidiu mudar de ramo. Após formação como assistente de enfermagem, passou a atuar como cuidadora de idosos e pessoas com enfermidades. Mas, igualmente, chegou ao seu limite: “Eu não conseguia mais. Estava esgotada. Eu não tinha final de semana, não tinha feriado, não tinha descanso. Decidi parar”.

Em meio àquele transbordamento, ela resolveu atender ao convite de um amigo que trabalhava no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre. O amigo era Fernando Schüler, cientista político e consultor de empresas e organizações civis nas áreas de cultura e ciências políticas. Na época com 24 ou 25 anos, Fernando frequentava a casa de Belony, ou, precisamente, frequentava o “Núcleo Cidade Jardim” do Partido dos Trabalhadores, que funcionava nos fundos da casa da artista, onde hoje é o seu ateliê.

Nós éramos militantes políticos, os dois. E o Fernando sempre me convidava para ir ao Centro Municipal de Cultura. Um dia, passando ali perto, pensei: “Vou tomar um cafezinho com o Fernando, bater um papo com ele”. E eu cheguei, começamos a conversar, a falar sobre o Atelier Livre, e ele me provocou:

– Por que não? Vai e te inscreve.

– Mas eu não sei fazer nada – disse pra ele.

– Não faz mal: aprende. Nem que seja pra fazer um quadrinho para a tua casa.

Ele foi comigo até a secretaria e me inscreveu em uma turma de “Arte para a Terceira Idade”. E, no dia da aula, quarta-feira, eu fui lá. Mas, aí, o que aconteceu? Cheguei e perguntei:

– Onde é o grupo da Terceira Idade?

E me apontaram uma sala. Eu entrei e era a sala da Suzel Costamilan. Eu achei tudo muito estranho, porque a gente tinha que fazer ginástica, alongamento, tinha que fazer isso, tinha que fazer aquilo,

mas pensei: “Daqui a pouco, a professora vai dar alguma coisa de arte pra gente fazer. Decerto, começa assim...”. Só no final da aula eu percebi que estava na sala errada. Cheguei pra Suzel e disse:

– Estou na turma errada, né?

E ela:

– Fica com a gente. Tu não estás na Terceira Idade?

– Estou.

– Então, fica.

E eu fiquei. Fiquei dez anos com a Suzel...

Era 1989. Quando ingressou no Atelier Livre, Belony Ferreira tinha 53 anos, nenhuma relação com o universo das artes visuais e, como gosta de brincar, só tinha “experiência de ver nuvem”:

Eu olhava pro céu e sabia se ia chover, se ia abrir o tempo, se ia esquentar... Era isso que eu sabia ver, que eu sabia olhar. Que coisa louca, a minha vida, né?

No Atelier Livre, ela permaneceu por 13 anos, entre idas e vindas. Concomitantemente ao curso de Expressão Corporal, fez formação em Pintura, Desenho e História da Arte. Começava um novo capítulo da sua vida.

DE VOLTA À TERRA

Na madrugada do dia 29 de outubro de 1985, cerca de 7.000 camponeses, oriundos de 32 municípios, ocuparam a Fazenda Annoni, em Sarandi, norte do Rio Grande do Sul. Com mais de 9 mil hectares, a propriedade era objeto de disputa judicial entre herdeiros e o Estado. Sua ocupação, articulada pelo recém-criado Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), inaugurou a luta pela reforma agrária no País. Cerca de 150 ônibus e caminhões foram mobilizados para levar os manifestantes e, em um desses veículos, estava Belony Ferreira.

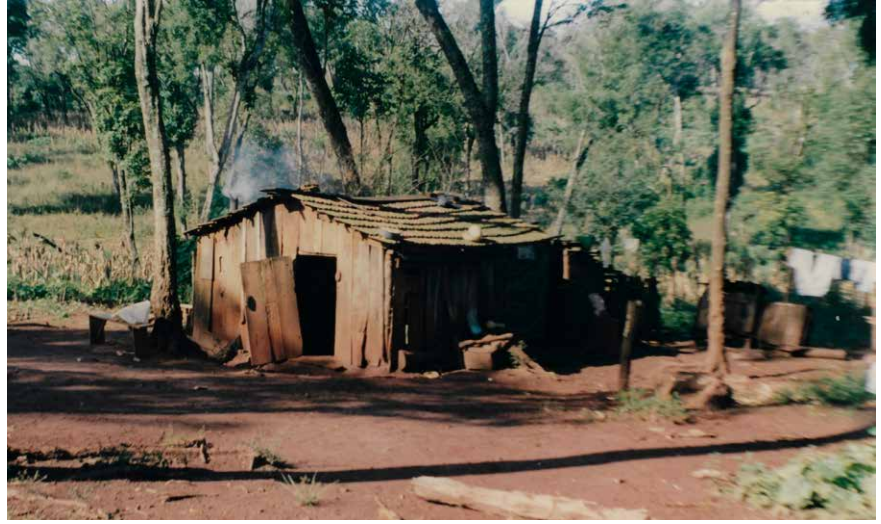
Eu fui a partir de convite do Pe. Sergio Raupp, que era primo do Dilceu e pároco da Igreja Santa Flora, aqui do bairro. Fui até a Praça

da Matriz, à noite, de onde saíram cinco ônibus. Só que, na hora, o ônibus que eu ia pegar estava lotado, e eu tive que ir em outro, que era o ônibus do DCE da UFRGS. Fui no meio da gurizada, que foi cantando sem parar, daqui até lá. Quando chegamos, a polícia nos parou, revistou e recolheu nossa comida. A sorte é que o pessoal que já tava acampado na fazenda dividiu o que tinha com a gente.

Não houve repressão policial que pudesse enfrentar tamanha massa de pessoas, e as autoridades foram obrigadas a negociar. Seguiu-se um longo período de intermediações, até que as famílias fossem assentadas, o que só ocorreu em 1993.

Seis anos após o conflito, em 1991, Belony voltou ao lugar. Estava na pequena cidade de Ronda Alta, onde morava a filha Cida, grávida do primogênito. Naquele tempo, além dos cursos no Atelier Livre, ela também fazia aulas com o artista Antônio Augusto Frantz Soares, o Frantz.

No Atelier Livre, a gente tinha que cuidar muito do chão, limpar os pincéis, lavar tudo no tanque, deixar o espaço organizado. Tinha uma série de regras. Com o Frantz, era justamente o contrário: não tinha regra nenhuma. Ele nos incentivava a fazer experimentos, maluquices, testar os materiais e a gente ainda podia deixar o ateliê todo sujo. Então, era um contraponto interessante. O Frantz me deu muita coragem, me incentivava a não ter medo de tentar, e isso me abriu os horizontes. [...] Aí, quando saí de Porto Alegre em direção a Ronda Alta, perguntei pra ele o que eu poderia levar para fazer lá, de exercício. E ele me disse: “Não leva nada. Vê o que tem ao teu lado, pega e faz”. Eu fiquei quase 30 dias em Ronda Alta, mas nada me tocava. E então eu lembrei do conflito na Fazenda Annoni, que era ali perto, e pedi pro meu genro, o Juca, que me levasse lá. Quando cheguei, tinha chovido. No meio do mato, havia uma sanga e umas mulheres estavam lavando roupa. Eu fui até elas e, na volta, elas foram caminhando na minha frente, por uma trilha bem estreita. E elas pisavam naquela terra ensopada, atolando as botas, algumas perdendo os chinelos, que ficavam presos à terra. Era um barro vermelho, muito vermelho, puro



Registros fotográficos de Belony de sua visita ao acampamento de trabalhadores rurais sem terra na Fazenda Annoni, em Sarandi (RS), 1991. Acervo pessoal da artista

pigmento, que parecia sangue. E eu fiquei olhando praquilo, muito impressionada com aquela argila pesada, forte, que grudava nelas. E pensei: “Que loucura, isso... O que faz com que essa gente tenha tanta garra, tanta disposição pra resistir, pra lutar? Só pode ser a força que vem dessa terra”.

Enquanto andava pelo assentamento, Belony produziu uns poucos registros fotográficos e, sem saber direito com qual propósito, recolheu um saco daquele barro. De volta a Porto Alegre, em seu ateliê, pensou em modelar alguma forma, tentar uma cerâmica, mas logo desistiu. Começou, então, a usar a argila como tinta: “Passei um pouquinho num papel branco e... Nossa Senhora!!! Aquilo foi de uma vibração incrível!!!”. Enceitou diversos caminhos, explorando cor, massa e consistência do material. Ao mesmo tempo em que se percebia fascinada, sentia-se oscilante, insegura, como num lodaçal. Querendo compartilhar e entender o que estava fazendo, certo dia tomou coragem e levou um dos experimentos para a aula de Carmem Moralles, no Atelier Livre. Precisava de orientação.

Ela só me disse: “Segue”. A Carmem Moralles nos puxava, nos xingava também, mas nos fazia pensar, nos fazia ir adiante. Quando fui para o Atelier Livre, eu queria fazer figura humana a todo pano,

só que eu nunca dei pra isso. Cheguei a fazer aula de modelo vivo, mas a minha figura, em relação ao espaço, ou ficava muito grande, ou ficava muito pequena. E aquilo me frustrava, eu ficava chateada, pois comparava os meus resultados com os dos colegas. Carmem sempre me dizia: “Não te preocupa, Belony, isso não é teu. Tu vais dar o teu recado de outra forma”. Quando ela morreu – e morreu muito, muito cedo –, fui visitá-la no hospital e levei o folderzinho da minha primeira exposição individual, que aconteceu na Assembleia Legislativa, em 1993. Ela então observou o material, me olhou e disse: “Pô, menina, você chegou lá...”.

A pintura apresentada a Carmem Moralles e que Belony reconhece como seu primeiro trabalho com terra, é abstrata e texturizada, com um relevo ora mais, ora menos saliente, a ocupar toda a superfície do suporte. Ritmados e símiles, os vincos exibem um tênue movimento circular, que converge para a área central, dominada por uma argila clara. Como em uma lavoura, os sulcos parecem ter sido arados, e isso é especialmente simbólico.

Na agricultura, a ação de lavrar o solo visa, entre outros, descompactá-lo, preparando-o para o plantio. Historicamente, é um dos procedimentos fundamentais no longo processo de sedentarização humana e domesticação da paisagem. No quesito técnico, é recomendado para uma melhor irrigação, além de inibir o surgimento de ervas espontâneas, que podem interferir no desenvolvimento de plantas cultivadas. Poeticamente, assevera a crença na fecundação, a fé na gestação, a esperança na vida.

Há algo atávico no ato de lavrar, conectando o corpo do agricultor ao corpo da terra; o corpo humano ao corpo de Gaia; o corpo do filho ao corpo da mãe. Atávico e de uma potencialidade geradora fora do comum, pois essa mesma e copiosa terra, essa mesma e copiosa mãe, segue alimentando seus filhos e possibilitando-lhes a existência e a continuidade.

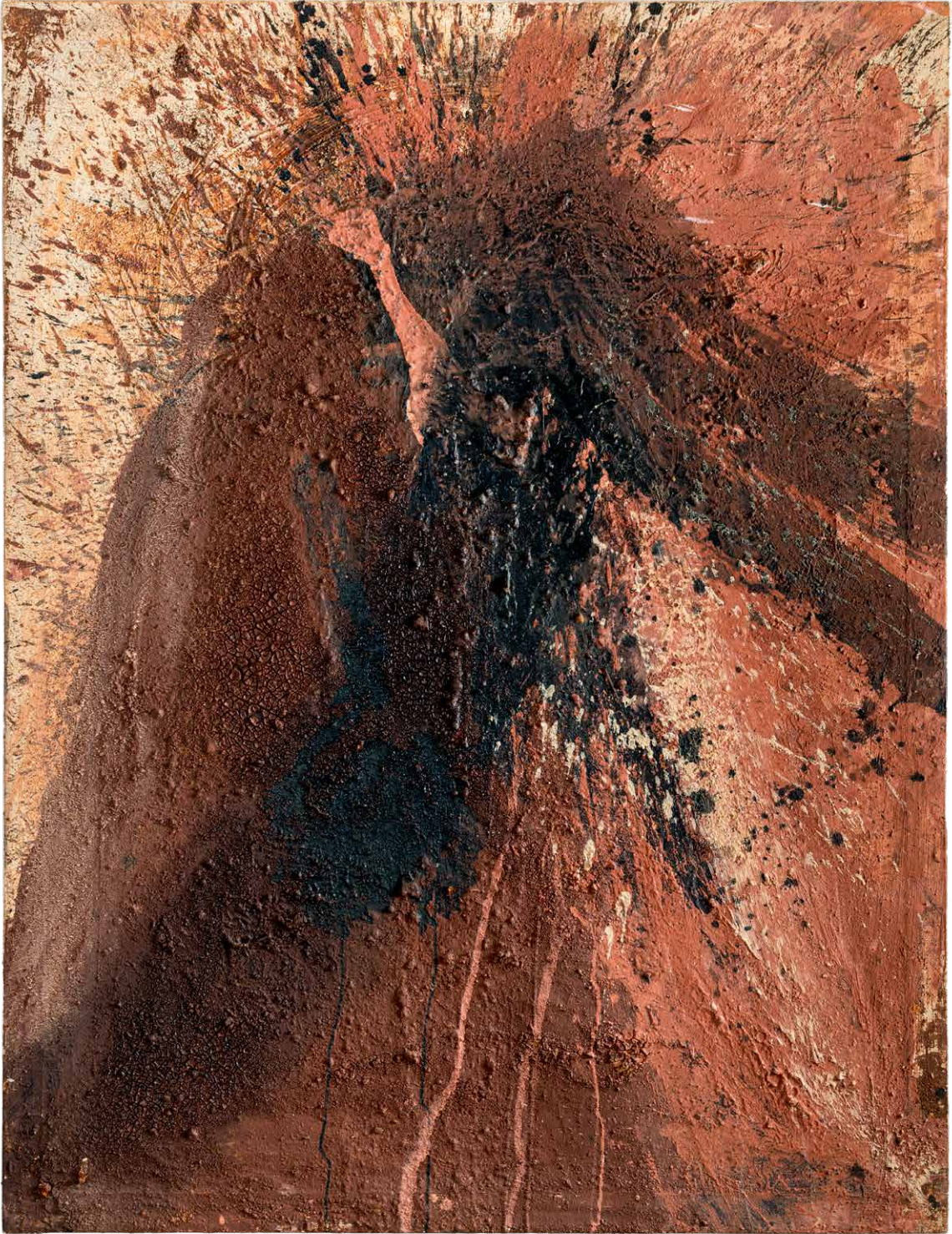
Belony Ferreira, nesse trabalho seminal, lavrou o barro sobre a tela – e o fez de modo intuitivo, guiada por certa despreensão e voluntarismo, o que é mais comovente. Há os sulcos que remetem ao processo de arar, à preparação do terreno para algo que se quer ver crescer, e há a estrutura uterina e geradora ao centro, apontando para a potência do feminino, real ou simbólico. Ponto de inflexão em sua trajetória, a obra interliga muitos



Sem título, 1991
Terra e emulsão sobre tela
60 x 82 cm
Acervo da artista

aspectos: seu passado como agricultora; os ecos da vó Guilhermina, parteira; sua força como mulher e mãe, sempre a acreditar. Depois de muitos anos, admiravelmente, Belony começava a reencontrar sua história, sua verdade, a si mesma.

As primeiras obras com terra expressam, de modo inequívoco, a experiência em Sarandi. Ali estão formas e elementos que aludem a violências, cercas, encruzilhadas. Em uma das pinturas, ela introduziu um arame farpado, remetendo claramente ao ato fundador da ocupação da Fazenda Annoni, com o rompimento dos alambrados que demarcavam a propriedade. Em tantas outras, operou a terra de modo a sugerir um transbordamento, uma erupção.





Acima
Sem título, 1994
Terra, emulsão e arame farpado sobre tela
145 x 180 cm
Acervo da artista

À esquerda
Sem título, 1995
Terra e emulsão sobre tela
130 x 100 cm
Acervo da artista



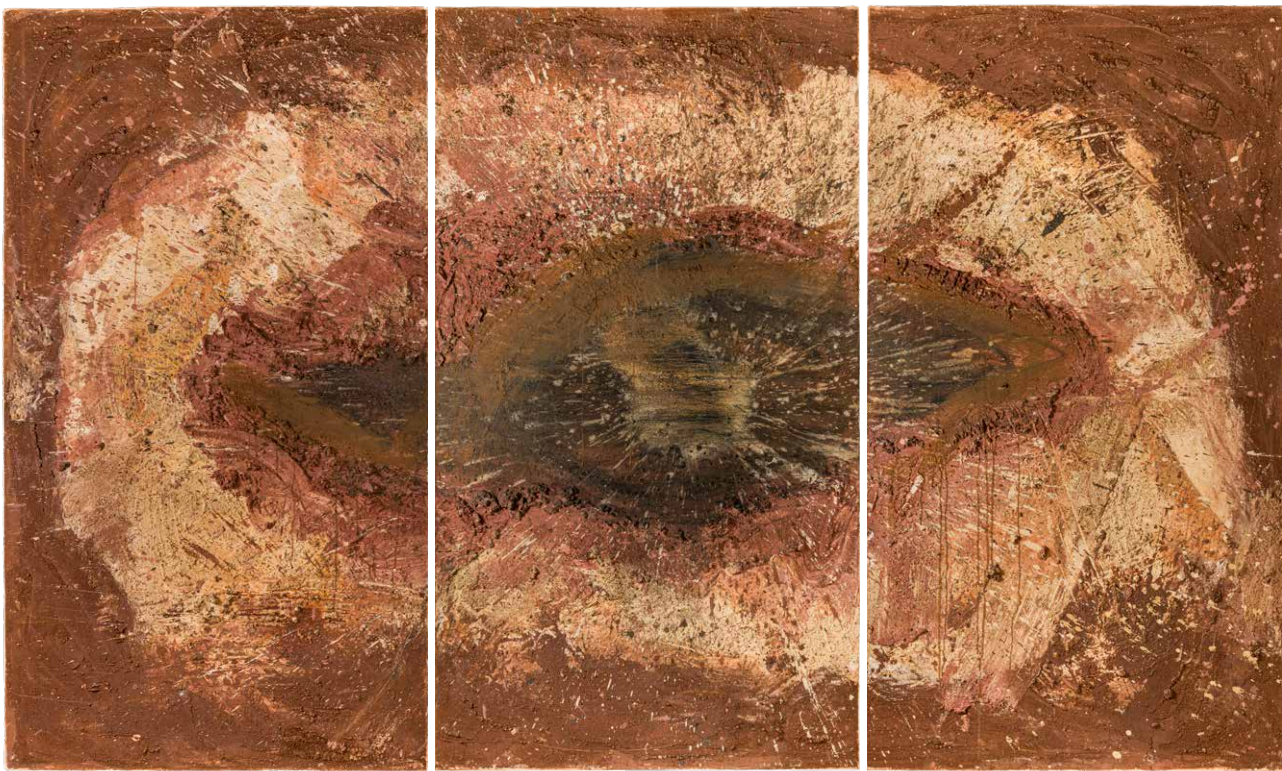
Em 1995, uma vez mais em Ronda Alta, pôs-se a observar os fornos comunitários e particulares da Linha Bela Vista São Pedro, constituída majoritariamente por descendentes de italianos. Fornos artesanais, alguns para queima de produtos como tijolos, pisos e telhas; outros para assar pães, bolos, biscoitos. E então se deu conta, um tanto estupefata, de que aquilo tudo, que permitia às pessoas construir e se alimentar, era também barro. Usando a técnica da frotagem, transferiu, por contato, os desenhos dos tijolos que estruturavam os fornos e, a eles, acrescentou a terra da região.

Sem título [ambas], 1995
Terra e emulsão sobre tela
140 x 80 cm [ambas]
Acervo da artista

Sem título, 1995
Terra e emulsão sobre tela
130 x 130 cm
Acervo da artista



Alguma coisa importante estava acontecendo. Belony não tinha clareza do que era, mas sentia. Durante sua infância e juventude, viveu em Arroio Grande: andou com os pés descalços; maculou a roupa com o solo marrom e vistoso; lavrou, plantou, zelou, colheu e viveu da terra, vista como subsistência, nada mais. E então, de súbito, começou a ter outra compreensão, nem sempre nítida, mas que se manifestava em sua produção plástica. Havia, inegavelmente, o conflito agrário e o eixo do trabalho e da vida comunal como fundo social e político, mas havia algo irrompendo com muito mais força: uma nova percepção sobre a terra, em sua materialidade e simbolismo.



Em uma das obras, concebida como um tríptico, ela quis sugerir um “grande olho” irrompendo energia e luz. Inseriu terras dissolvidas em água no interior de bexigas de borracha e, estando bem cheias, soltou-as do alto, sobre as telas jacentes, no chão, provocando o rompimento dos invólucros. Lidando com uma casualidade controlada, buscava formas que remetessem à propagação energética em todas as direções. Só muitos anos depois, observando o mesmo tríptico, porém em sentido inverso, percebeu que aquela conformação estava mais próxima de uma vulva e, nesse sentido, mais potente, pois uma vulva traz à luz, traz à Terra, liberta e expande.

Foi nessa época que ela se aproximou do Reiki, terapia alternativa, de origem oriental, baseada na imposição das mãos de um mestre reikiano sobre o corpo daquele que procura o tratamento, com o objetivo de canalizar e equilibrar os chacras, centros energéticos do organismo.

Sua relação com o Reiki começou quando, assistindo a uma conferência do escritor Paulo Kronemberger, conhecido por seus estudos e pales-

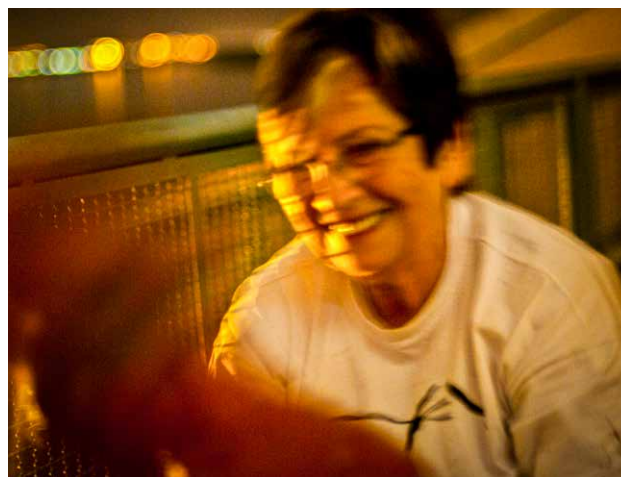
Sem título [tríptico], 1998
Terra e emulsão sobre tela
180 x 100 cm [cada módulo]
180 x 300 cm [total]
Acervo da artista

tras sobre os *moais* da Ilha de Páscoa, ela tomou conhecimento de uma ideia invulgar: “energia cura”. Entusiasmada, Belony não descansou até descobrir que “coisa era aquela”. Engatando um curso atrás do outro, tornou-se, em 2000, após quatro anos de formação, mestra reikiana, passando a instruir diversas outras pessoas, sobretudo mulheres, na admirável arte da cura. Entre risos, recorda: “Pouca gente falava sobre Reiki em Porto Alegre. Achavam que a gente era bruxa”.

Desde então, Bê, como é chamada no círculo reikiano, abre a casa às sextas-feiras e oferece, com o envolvimento de suas orientandas, atendimento gratuito a dezenas de pessoas. No início, as sessões aconteciam em uma pequena sala nos fundos da casa e, mais recentemente, no mesmo espaço que já abrigou as reuniões do “Núcleo Cidade Jardim” do Partido dos Trabalhadores e que hoje é seu ateliê.

O Reiki a fez conhecer muita gente, dentre as quais a atriz Sandra Alencar, que em meados dos anos 2000 participava do Grupo dos Cinco, sob direção de Deborah Finocchiaro. Certo dia, Sandra e Beto Russo, em residência junto ao grupo, resolveram visitar Belony em seu ateliê e saber mais de sua história. Foi quando surgiu a ideia dos “saraus visuais”.

No enleio entre poesia, música, teatro e artes visuais, os saraus tinham o protagonismo da terra, da mesma terra vermelha e intensa que tanto marcara a artista, em sua incursão à Fazenda Annoni. Em cena, mulheres, argila liquefeita e tela.



Ao cobrir os corpos das *performers* com lama, espalhando-a vigorosa ou lentamente, com as mãos, era como se Belony conferisse a mesma energia telúrica que vira em Sarandi, conectando os pés das agricultoras ao solo viscoso da região.

Diversas sequências coreográficas partiam do piso, sugerindo a força emanada pelo solo. Outras, tal Yves-Klein e suas *antropometrias*, faziam das atrizes os vetores da cor, imprimindo, sobre a superfície clara do tecido, as formas de seus corpos. Havia, ali, a partir do feminino, uma fusão entre matéria e energia, eixos nodais de sua poética. Ao mesmo tempo, Belony recuperava algo caro a seu início no mundo das artes: a consciência corporal, explorada nas aulas com Suzel Costamilan.

Aquelas aulas com a Suzel foram muito libertadoras pra mim. Eu sempre fui baixinha, gordinha, um “botijãozinho”, digamos assim. E passei a não mais censurar o meu corpo, a não ter vergonha de ser como eu sou, com esse corpo que Deus me deu. E isso também estava em pauta nos saraus.

No alto dos seus 70 anos, firme, autoconfiante e com a cabeça aberta, ela encarou mais um desafio: desenhar. O objetivo inicial era, pura e simplesmente, “soltar as mãos”, como um exercício.

Eu não acreditava muito naquilo, mas o Frantz insistiu e me incentivou e, quando eu vi, comecei a gostar. Hoje percebo que os meus desenhos têm muito dos ritmos que eu praticava com o grupo de Expressão Corporal.

Calcados na repetição, explorando repertório e recursos mínimos, seus desenhos evidenciam concentração, controle e também fluidez. Como árbitro cardinal, seu corpo, o corpo de uma mulher idosa, ora em limite, ora em superação.

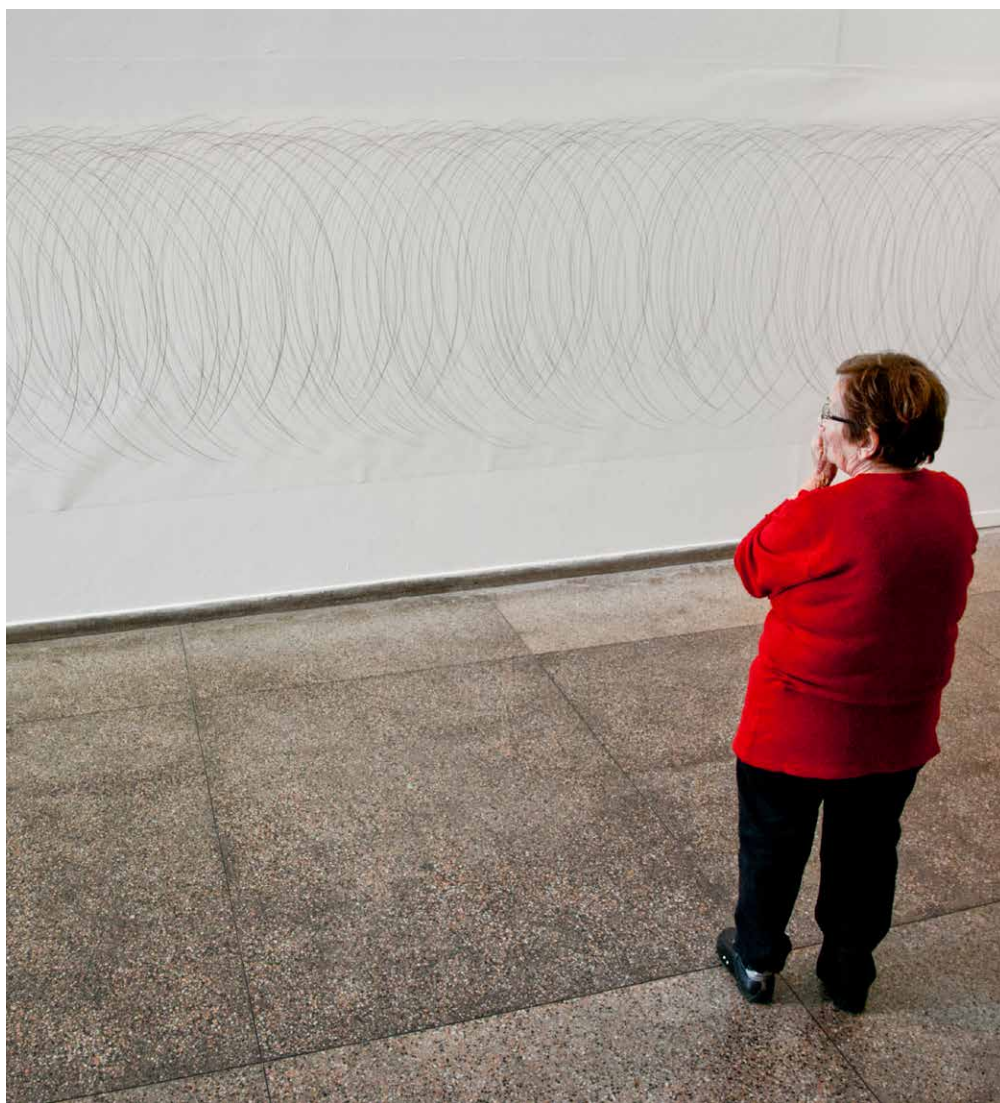
Diante do papel de médio a grande formato, quase sempre fixado na parede, Belony começa por eleger a curva simples, rápida e despretensiosa, definida pelo movimento inaugural, pela torção do pulso ou pela extensão do braço, que dará corpo ao desenho. Estabelecido o primeiro ato, o desafio



Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico
sobre papel
160 × 250 cm
Acervo da artista

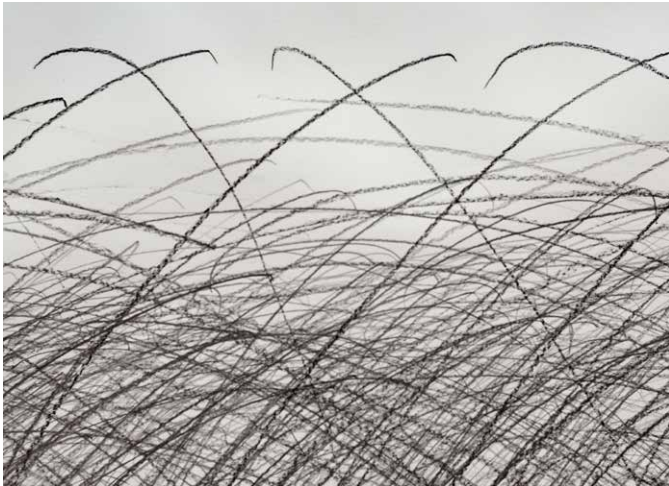
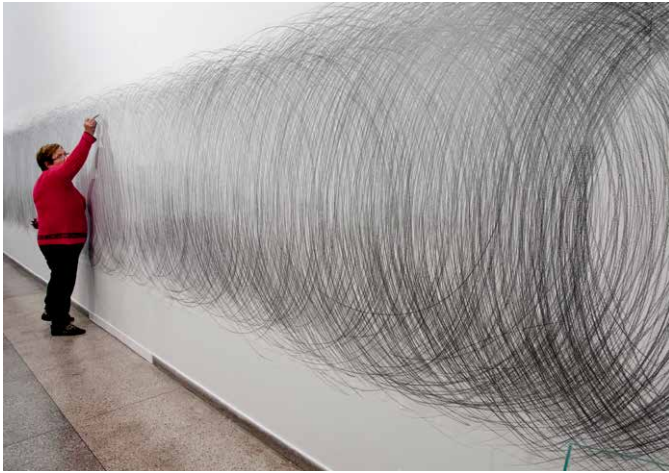
é manter a constância, a disciplina, o domínio, mesmo que sob o impacto de um quase rito – e, claro, saber parar.

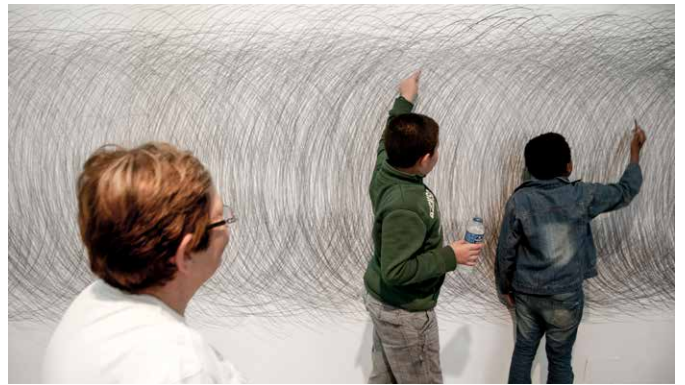
Em 2011, pondo-se à prova, Belony submeteu proposta radical ao 1º Prêmio IEAVI, promovido pelo Instituto Estadual de Artes Visuais. Contemplada, fez do processo, a obra. Durante dez dias, tratou de cobrir, com um gesto repetitivo e aparentemente incansável, a extensão de 1,80 metro de altura por 10 metros de comprimento do papel fixado no Espaço Maurício Rosenblatt, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre. Em alguns momentos, convidando os frequentadores da CCMQ a participar, contou com a colaboração do público, mas foi um trabalho majoritariamente solitário, o qual ela sabia ter condições de cumprir. Na cadência regular e compassada do movimento, sobrepondo riscos e estando plena e inteira no desenho, Belony foi testando sua própria resistência, com humildade e vigor.



Uma das vencedoras do 1º Prêmio IEAVI – Incentivo à Produção de Artes Visuais (2011), Belony Ferreira aceitou o desafio de, durante dez dias, realizar um desenho junto ao Espaço Maurício Rosenblatt, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre. Calcado na repetição, explorando recursos mínimos, o trabalho evidencia concentração, controle e fluidez. Como árbitro cardinal, o corpo de uma mulher idosa, ora em limite, ora em superação.







DAS ENTRANHAS DA TERRA

Se, nos desenhos, a artista estabelece uma relação vertical e de frontalidade com o suporte, nas pinturas, via de regra, dá-se o oposto. Belony opera do alto, com as telas apoiadas sobre uma mesa, ou no chão. O que define seu método é a própria natureza dos materiais.

A expressão “cozinha da pintura” se consagrou, ao longo dos séculos, relacionada a uma série de procedimentos adotados pelos artistas, como receitas, para garantir o êxito técnico das obras. Da moagem de minérios, extração de plantas, passando pela pulverização e refino dos pigmentos e uso de óleos e colas vegetais e animais, as práticas e etapas precisavam ser regamente seguidas. A partir da segunda metade do século XIX, com o advento das tintas industriais, os pintores ganharam em agilidade e praticidade, enquanto muito desse saber se perdia.

Belony nunca tomou conhecimento de antigas prescrições ou receituários de *como* pintar, mas o caminho que abraçou lhe exigiu uma postura apartada e, muitas vezes, eremítica, a começar pela coleta dos recursos: “Não serve qualquer terra. Tem que ser terra funda, terra das entranhas, terra viva. Se for da superfície, não dá. Terra da superfície não tem energia, não tem vibração, não tem nada”.

Percorrendo a capital e o interior, frequentemente parava junto a grandes empreendimentos de engenharia e observava o barro remexido, pulsante e vívido, que as escavadeiras traziam à tona. Não demorou a saber identificar, pela textura, densidade e cor, suas qualidades plásticas.

No ateliê, perfilam-se dezenas de galões de PET reaproveitados para o armazenamento das terras. São muitas cores e texturas, cujas origens e histórias, quase sempre, ela traz na fala:

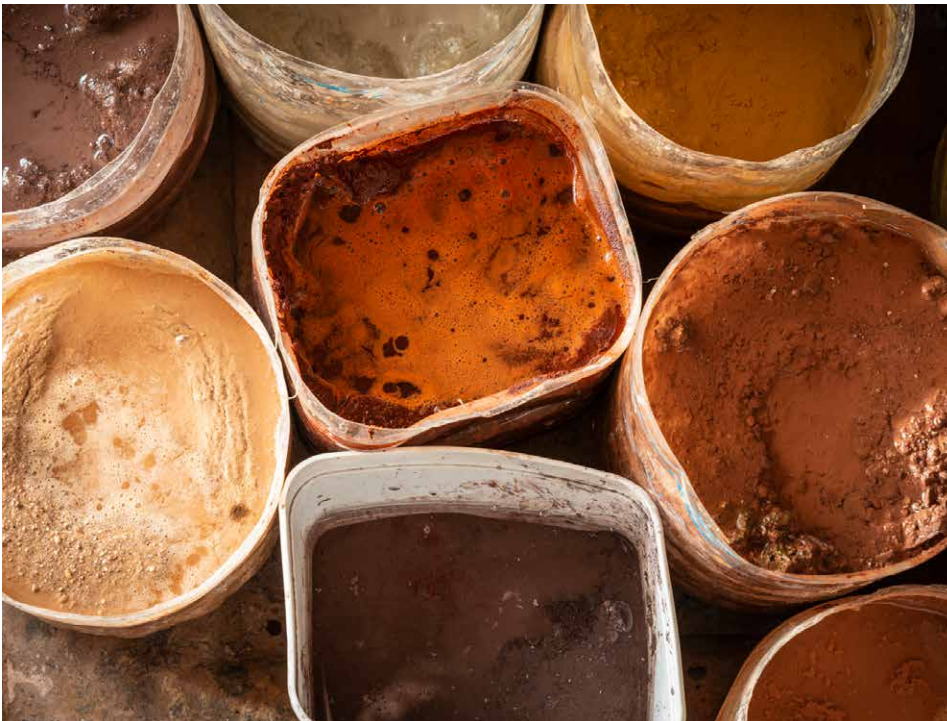
Essa terra veio dos altos da Avenida Protásio Alves. Uma terra cor de telha, simples, mas bonita. Quando eu tava recolhendo essa terra com meu sobrinho, que é engenheiro, a gente lançou um olhar mais pra longe, nos morros ali de perto, e viu essa outra terra, aqui, branquinha, cheia de mica, coisa mais linda. [...] Essa daqui, com esse cinza escuro, puro grafite, vem de um poço de prospecção de petróleo. Essa outra, amarelinha, vem da Restinga... Uma vez, conversando com um geólogo, ele me disse que provavelmente



tem mina de enxofre ali perto, por isso a terra fica assim, amarela. Ele também me disse que, quando tem muito branco na terra, é porque, às vezes, tem mina de talco. E que essa argila aqui, rosinha, vem de uma região de pedra grês, onde as rochas se decompueram. Eu não sabia nada disso, mas fui aprendendo.

Ao lado das terras, artefatos ordinários: um tanque com água corrente, bacias, coadores, colheres, espátulas, pincéis, mesa, cadeira, um liquidificador industrial. Após eleger os torrões, deposita-os, individualmente, em baldes e potes plásticos, submergindo-os em água. E recomenda: “Pra conseguir uma terra boa, maleável, ela tem que ficar assim por uns 20, 30 dias. Daí ela mostra toda sua beleza”. É essa solução pastosa, resultado de tempo e decantação, que Belony utiliza como tinta.

Logo que eu comecei, eu não sabia muito bem como fixar a terra na tela. Nessa época, eu ainda usava, em paralelo, tinta tradicional.



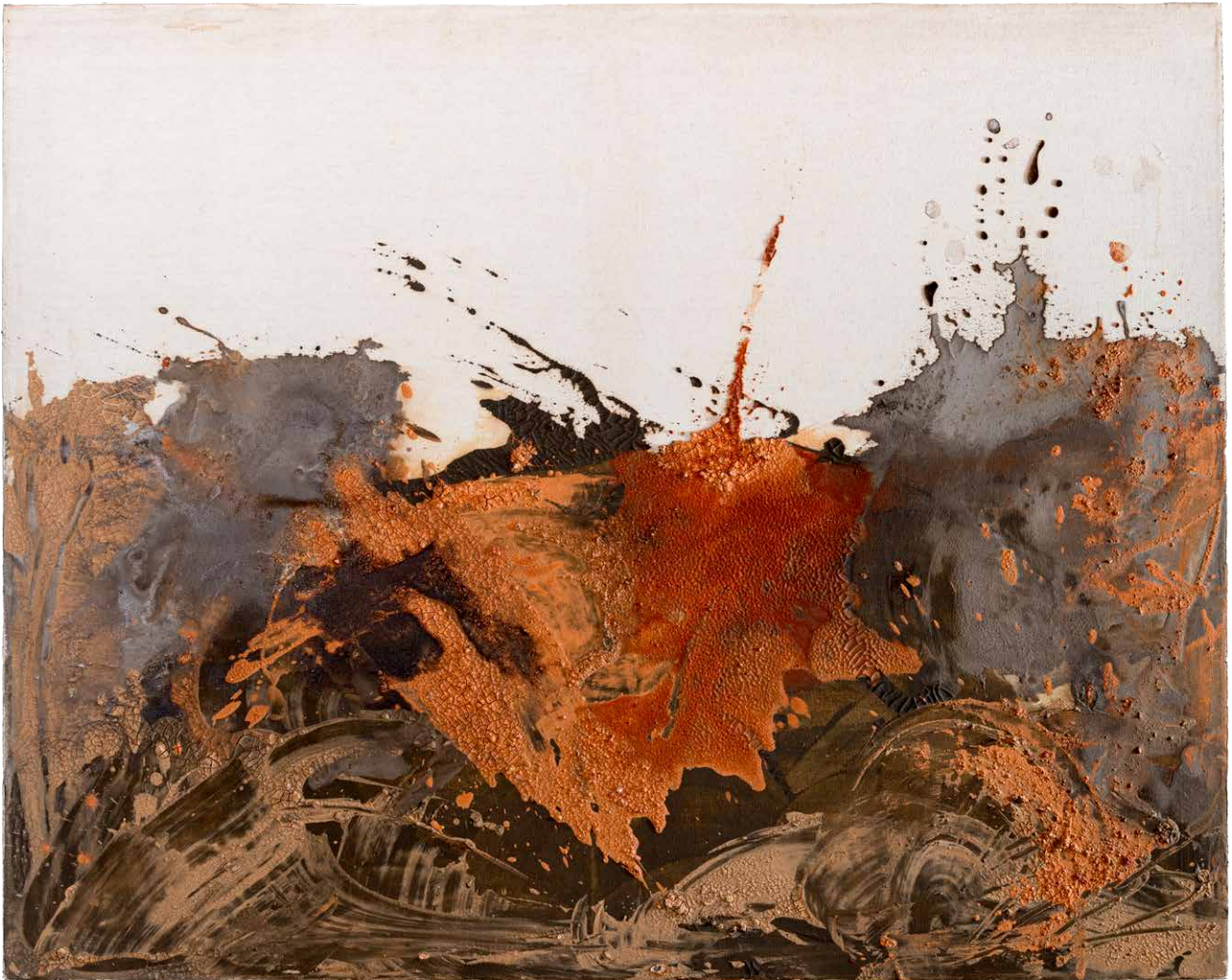
E o Frantz me dizia: “Para de usar essa tinta. Se continuar com essa tinta, que é fácil, que vai ali e compra, tu vais acabar largando a terra, e ela tem muito mais futuro”. Ele tava certo, lógico. Mas eu tinha que encontrar uma forma de lidar com a terra, de modo que ela não caísse e tivesse plasticidade. Daí, ele e a Carmem Morales me ensinaram a usar emulsão acrílica, que é uma resina. Quando eu vou pintar, eu misturo a resina à argila. É ela que cola, que fixa a terra.

Os trabalhos produzidos entre os anos de 1995 e 2000 evidenciam o uso da terra como tinta. Neles, com o auxílio de trinchas, Belony mistura diferentes barros e expõe diversas texturas, por meio de pinceladas largas e soltas. Geralmente mantém as argilas na base da tela, ocupando de 2/3 a 4/5 da superfície, como se elas irrompessem rumo ao espaço, numa explosão de energia. Em grande medida, essas pinturas expressam o próprio fascínio da artista com as cores e a vitalidade que ela via rebentar das entranhas do solo, ao coletar sua singular matéria-prima.

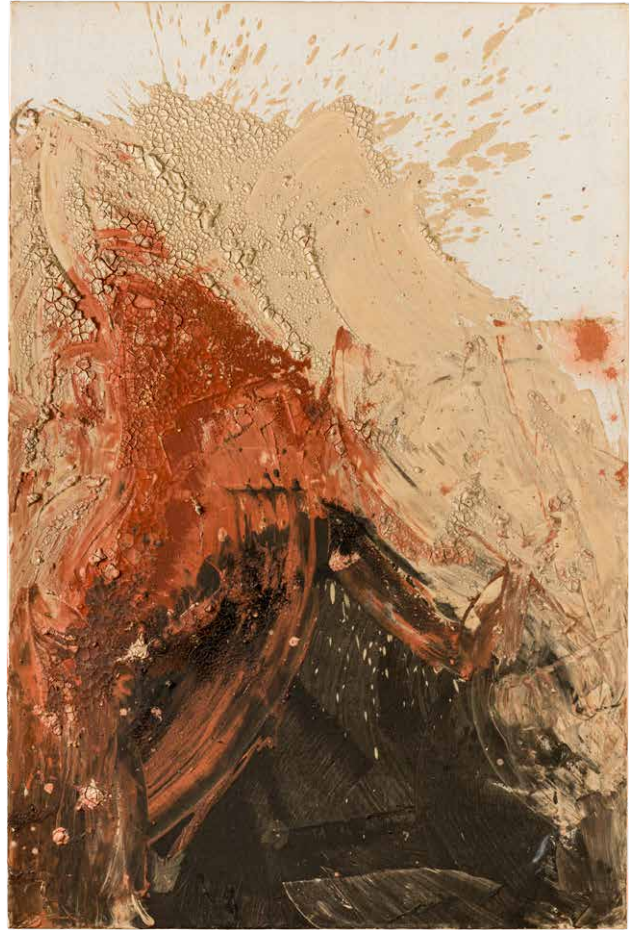
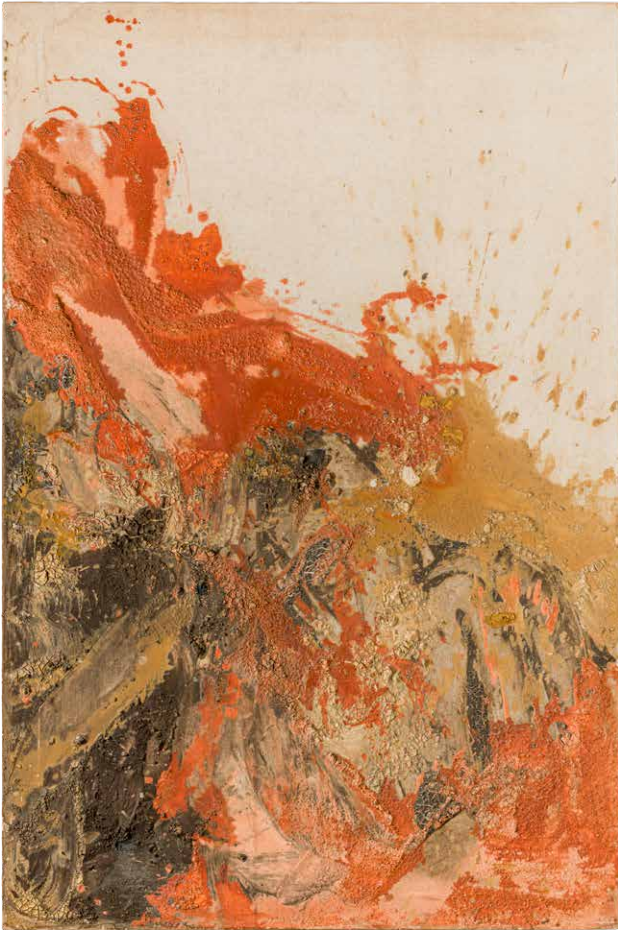




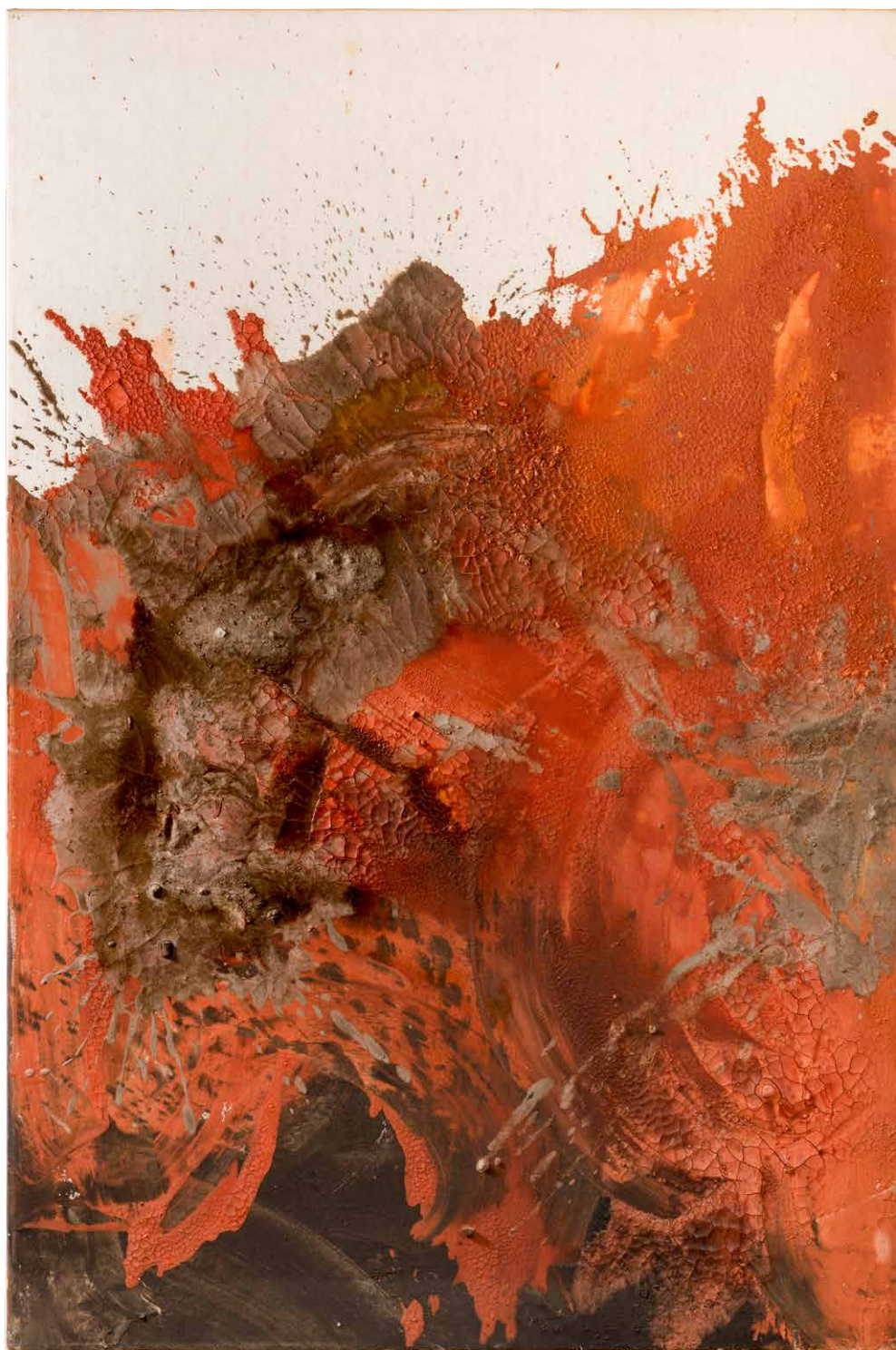
Sem título, 2000
Terra e emulsão sobre tela
120 x 150 cm
Acervo da artista



Sem título, 1995
Terra e emulsão sobre tela
120 × 150 cm
Acervo da artista



Sem título [ambas], 2000
Terra e emulsão sobre tela
150 x 100 cm [ambas]
Acervo da artista



Sem título, 2000
Terra e emulsão sobre tela
150 × 100 cm
Acervo da artista

Em seus trabalhos iniciais, colocando-se de modo especialmente dinâmico, Belony manipulava a matéria, buscando os efeitos plásticos desejados a partir de procedimentos relativamente conhecidos, como mergulhar os pincéis nas argilas/tintas e realizar as pinturas sobre tela.

Essa prática fundamentou, inclusive, as dezenas de oficinas abertas à comunidade, que ela desenvolveu junto a escolas, centros comunitários e programas sociais. Incansável, a artista fazia questão de compartilhar com crianças e adolescentes as muitas possibilidades do barro, ao mesmo tempo em que os conclamava a respeitar e defender a natureza.

Seu comprometimento ecológico tornou-se manifesto quando, em 2001, passou a usar telas montadas em bastidores circulares. A opção não deixava dúvidas: queria declarar, pela superfície que era também estrutura e mensagem, seu vínculo com a Mãe-Terra, com Gaia e, por extensão,



Sem título, 2001
Terra e emulsão sobre tela
140 cm Ø
Pinacoteca Aldo Locatelli
Prefeitura Municipal de Porto Alegre

com o princípio feminino. Ao mesmo tempo, recuperava e reforçava a forma intrínseca em sua primeira e genuína obra.

Foi nesse período que Belony fez um movimento significativo: abriu mão de sua postura dominante e enérgica, no ato de pintar, em favor de uma maior autonomia do barro. Isso significou uma restrição e abandono gradual dos pincéis, e a adoção de uma conduta mais discreta e contemplativa, atravessada por ações pontuais. Esse caminho se revelou em meio ao processo criativo, no amálgama entre fazer, sentir e pensar. Havia a consciência da grandiosidade de sua matéria-prima, de um lado, e de sua pequenez, como ser humano, de outro. Havia a necessidade de assumir nova abordagem, nova atitude diante de seus materiais e técnicas. E havia, igualmente, o encantamento diante de certos processos desencadeados em seu ateliê-laboratório.

Feito alquimista, percebeu as diversas e distintas reações das argilas, mais ou menos densas, em contato com quantidades de resina, mais ou menos generosas. Vertendo sobre os suportes camadas abundantes de terra maleável e deixando-a secar, Belony foi surpreendida pelos craquelados.

Quando eu acrescento a resina, a terra meio que coagula, como se fosse leite. Aí ela vai secando e se transformando, ao longo de dois, três dias, até mesmo uma ou duas semanas. Nesse meio tempo, ela muda muito. Tem obras que ficam com craquelados finos e delicados, outras com craquelados muito fortes. Nunca é, exatamente, o que eu imaginei ou planejei. Eu tenho algum controle, mas pouco. Na verdade, a terra tem personalidade, ela vai abrindo o caminho dela, tomando seu próprio rumo.

Belony produziu uma série admirável de pinturas explorando essas características. As maiores, com diâmetro entre 100 e 140 cm, oferecem ao espectador imaginativo uma perspectiva visionária. Com os planos tomados por elevações, declives, vales e veios, esses trabalhos terminam por ser imagens poéticas do geoide que representa o nosso planeta, a lua, ou mesmo corpos celestes distantes. Como não perceber, nas diversas extensões de crosta pictórica, crátons, cânions, bacias sedimentares, detritos, crateras, desfiladeiros, planícies estriadas?





Sem título, 2001
Terra e emulsão sobre tela
60 cm Ø
Coleção particular, Porto Alegre



Sem título, 2001
Terra e emulsão sobre tela
80 cm Ø
Acervo da artista



Sem título, 2001
Terra e emulsão sobre tela
60 cm Ø
Coleção Paula Ramos, Porto Alegre



Sem título, 2005
Terra e emulsão sobre tela
120 cm Ø
Acervo da artista



Sem título, 2003
Terra e emulsão sobre tela
140 cm Ø
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo
Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre





Sem título, 2009
Terra e emulsão sobre tela
100 cm Ø
Coleção Paula Ramos, Porto Alegre

As pinturas menores, em suportes de 30 a 35 cm de diâmetro, formam um bloco admirável, evidenciando a profusão matérica e cromática da terra. As cores, texturas e plasticidades sugerem a composição mineralógica, a riqueza de óxidos e hidróxidos de ferro e, para os mais observadores, as proporções de areia, silte e argila de cada barro.

Além da paleta exuberante que domina o conjunto, há os expressivos e por vezes dramáticos craquelados, que, para Belony, têm um significado particular.

Quando eu olho para essas rachaduras profundas, eu vejo, infelizmente, a nossa situação: vejo o solo rachando, os rios secando, o horror que a gente tá vivendo, nessa crise climática. Esses rachados são a nossa insanidade com o planeta.

De tão densos, alguns craquelados rompem, expondo a tela com os vestígios do corpo terroso perdido, quase um palimpsesto. Belony não se importa: “Fica, naquele vazio, a memória do trabalho”.

Sem título [ambas], 2010
Terra e emulsão sobre tela
30 cm Ø [ambas]
Coleção particular,
Porto Alegre





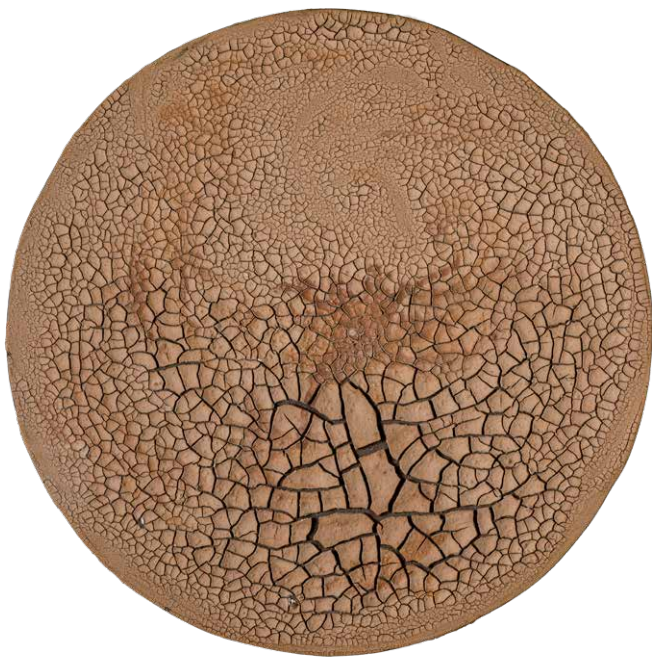
Sem título, 2010
Terra e emulsão sobre tela
30 cm Ø
Coleção particular, Porto Alegre



Sem título [ambas], 2003
Terra e emulsão sobre tela
55 cm Ø [ambas]
Acervo da artista

pp. 64–65
Sem título, c. 2012–2015
Terra e emulsão sobre tela
30 cm Ø
Acervo da artista

pp. 66–67
Sem título, 2003
Terra e emulsão sobre tela
35 cm Ø
Acervo da artista



Sem título [ambas], 2001
Terra e emulsão sobre tela
60 cm Ø [ambas]
Acervo da artista

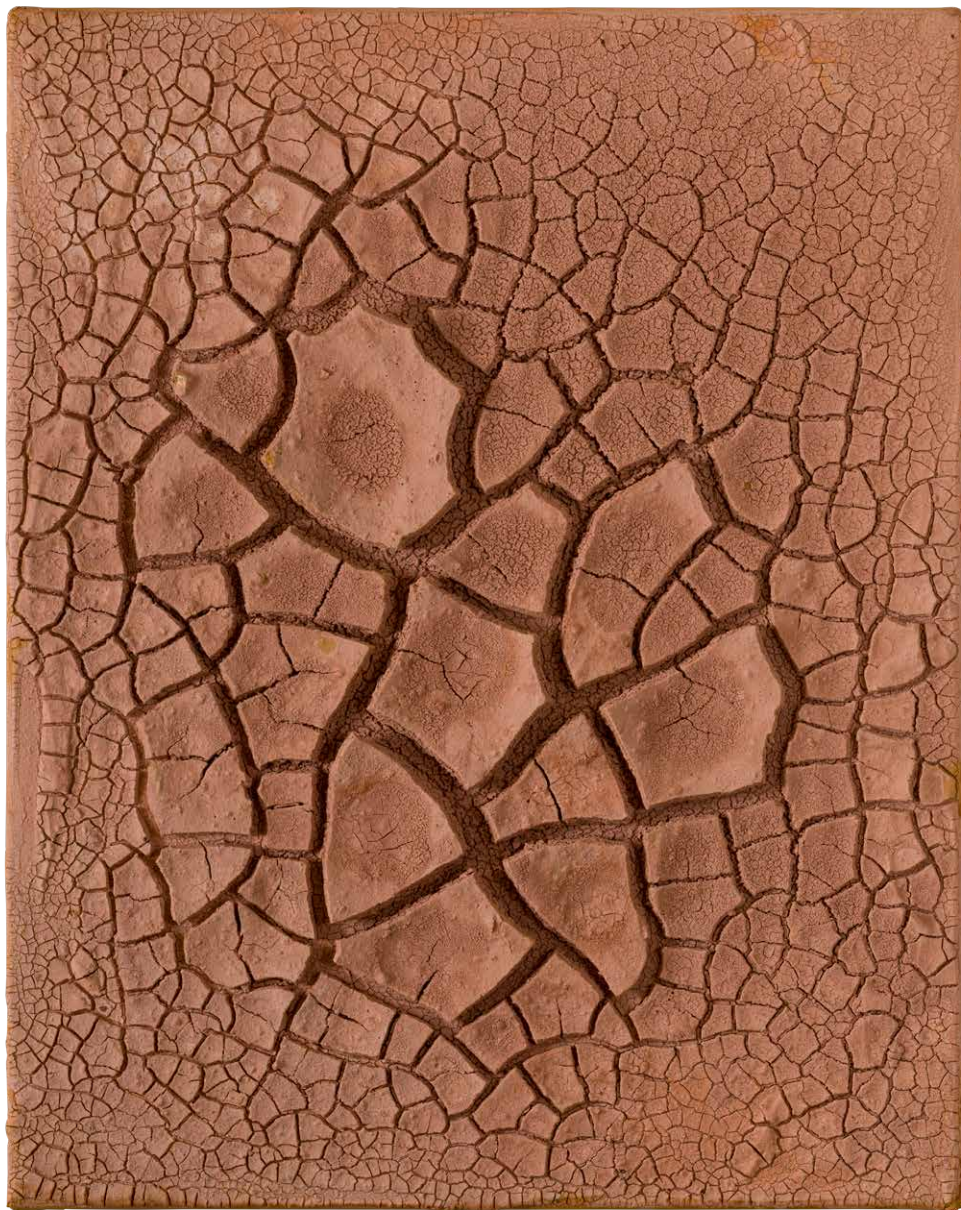












Sem título, 2015
Terra e emulsão sobre tela
50 x 40 cm
Acervo da artista



Em meio aos frementes e metafóricos gritos da terra, a artista passou a explorar um segundo procedimento. Com as telas deitadas no chão, pôs-se a verter soluções bastante diluídas de barro liquefeito, vigiando e, eventualmente, controlando seu curso. De aspecto diáfano e vaporoso, as pinturas resultantes revelam suas muitas camadas, derramamentos e fusões.

Eu olho para esses trabalhos e é como se a terra pairasse em outro plano, como se ela tivesse saído de um campo gravitacional pesado e procurasse algo mais leve. Pra mim, é como se fosse uma transmutação da matéria, algo espiritual.

Introspectivas e silenciosas, essas obras estão entre as favoritas de Belony. Talvez, justamente, porque apontem para o inefável, para o que está na esfera da energia. Ao observá-las com diligência, a artista demora-se na junção das cores, nas sobreposições, nos efeitos de veladura. Às vezes, há surpresas.

Eu estava fazendo esta pintura, aqui, e ia colocar mais textura. Até que, de repente, encontrei essas duas figuras, então não mexi mais. Olha só: elas parecem gêmeas, uma figura de frente pra outra, olhando uma pra outra... Duas almas unidas...

“Pra mim, é como se fosse uma transmutação da matéria, algo espiritual.” Nos trabalhos mais recentes, em busca de leveza, transparência e vaporosidade, Belony passou a adotar terras bastante diluídas.

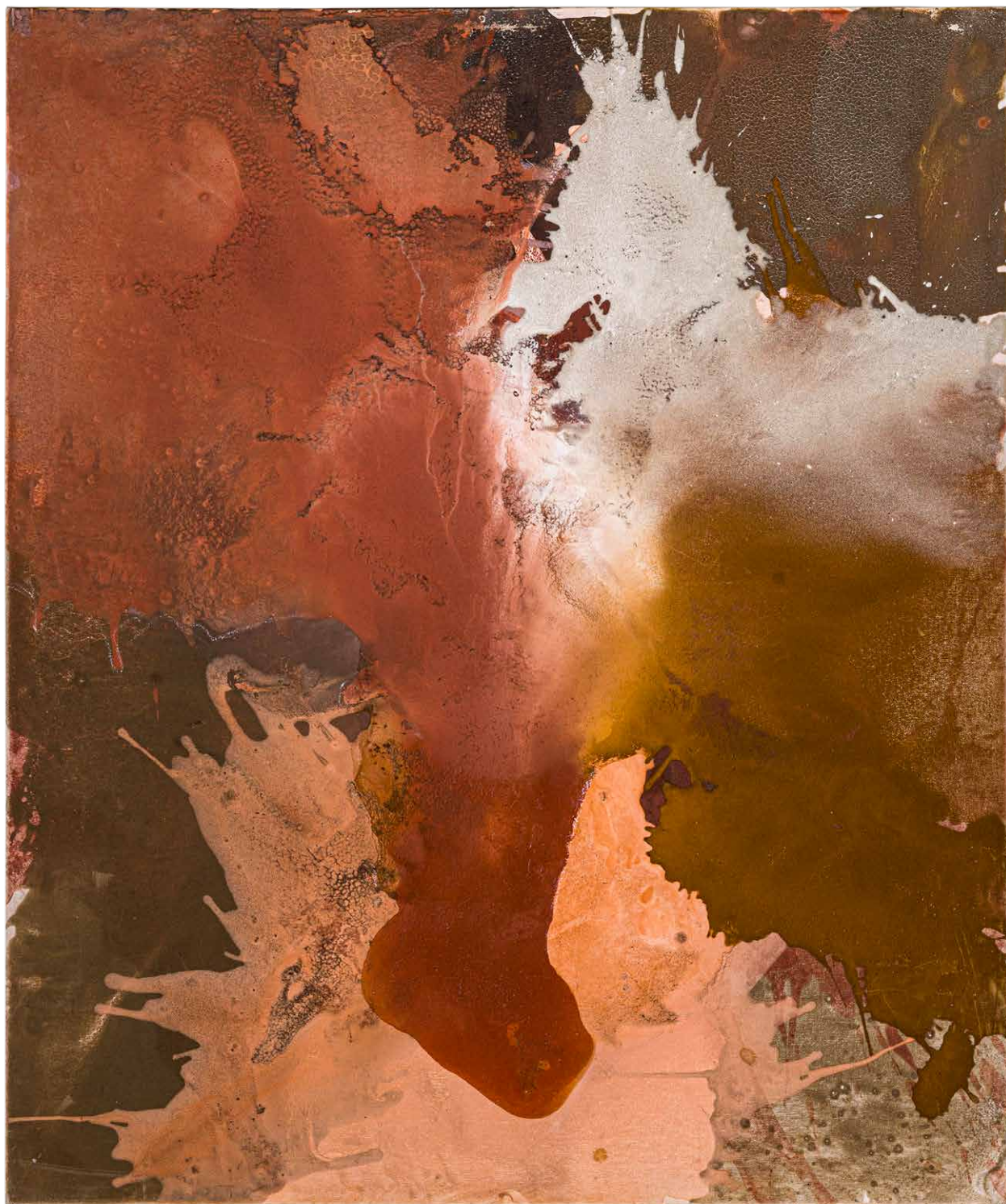
Sem título, 2022
Terra e emulsão sobre tela
200 x 200 cm
Acervo da artista

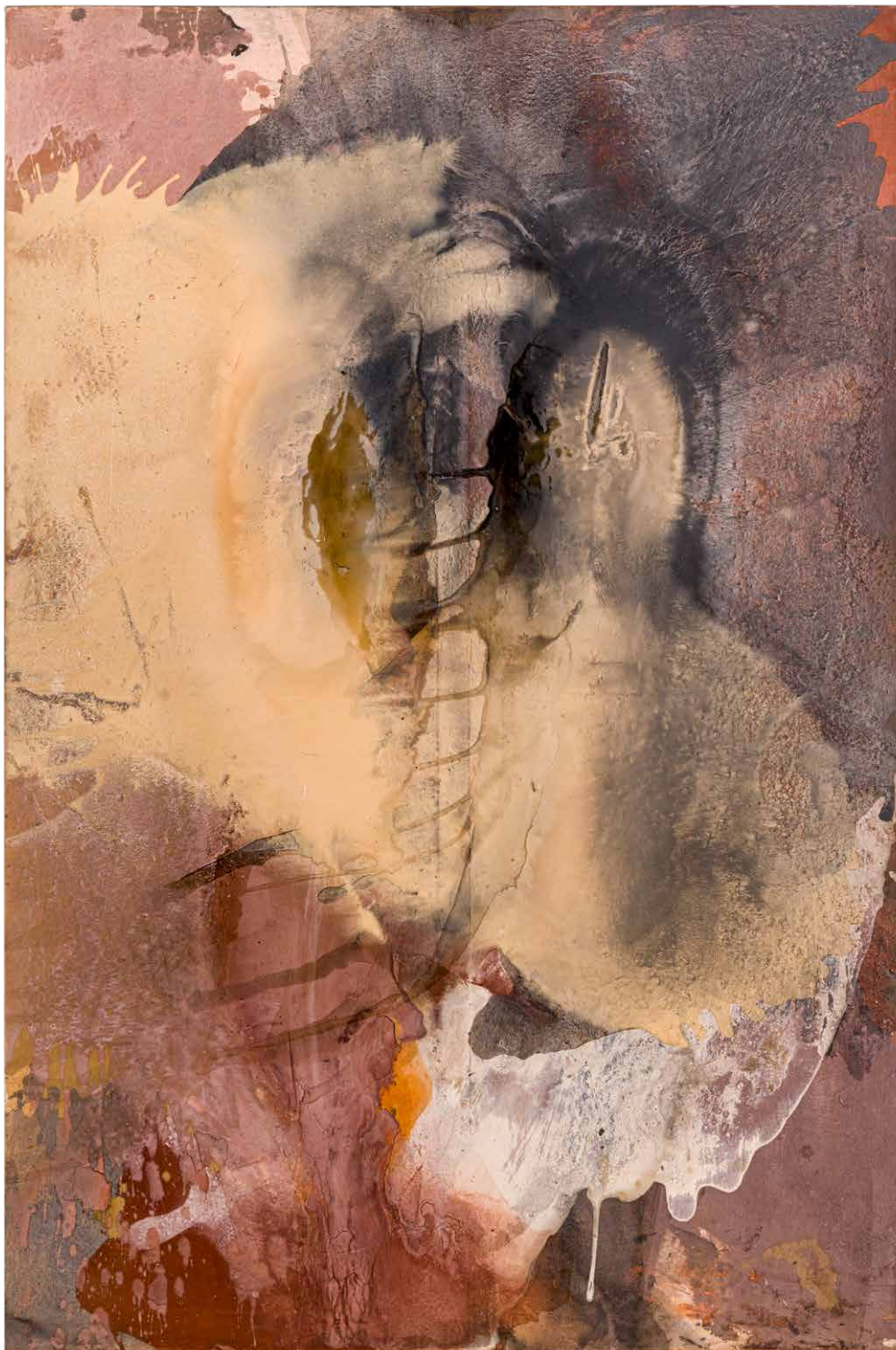




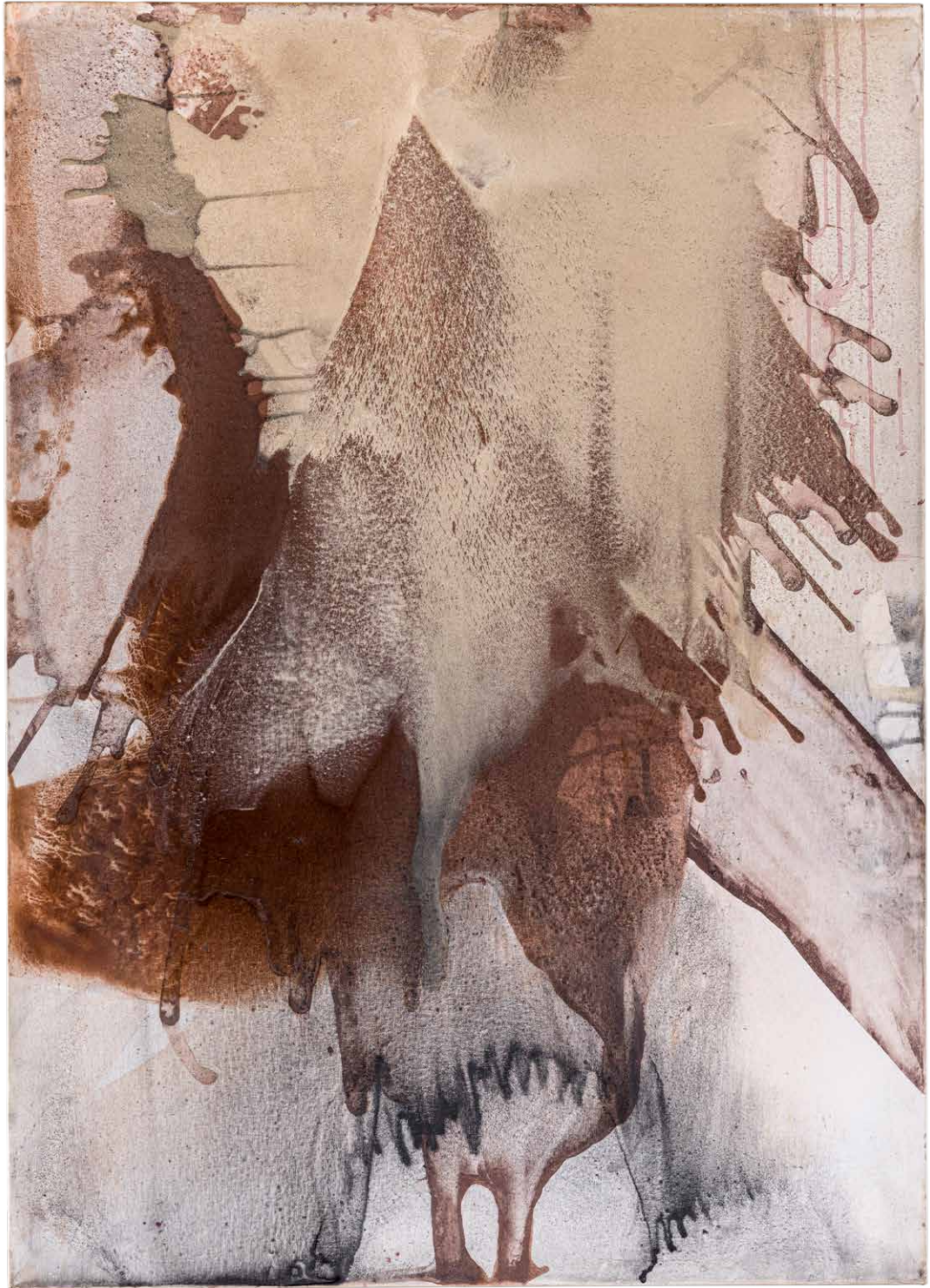
Sem título, 2014
Terra e emulsão sobre tela
100 x 100 cm
Acervo da artista

Sem título, 2014
Terra e emulsão sobre tela
120 x 100 cm
Acervo da artista





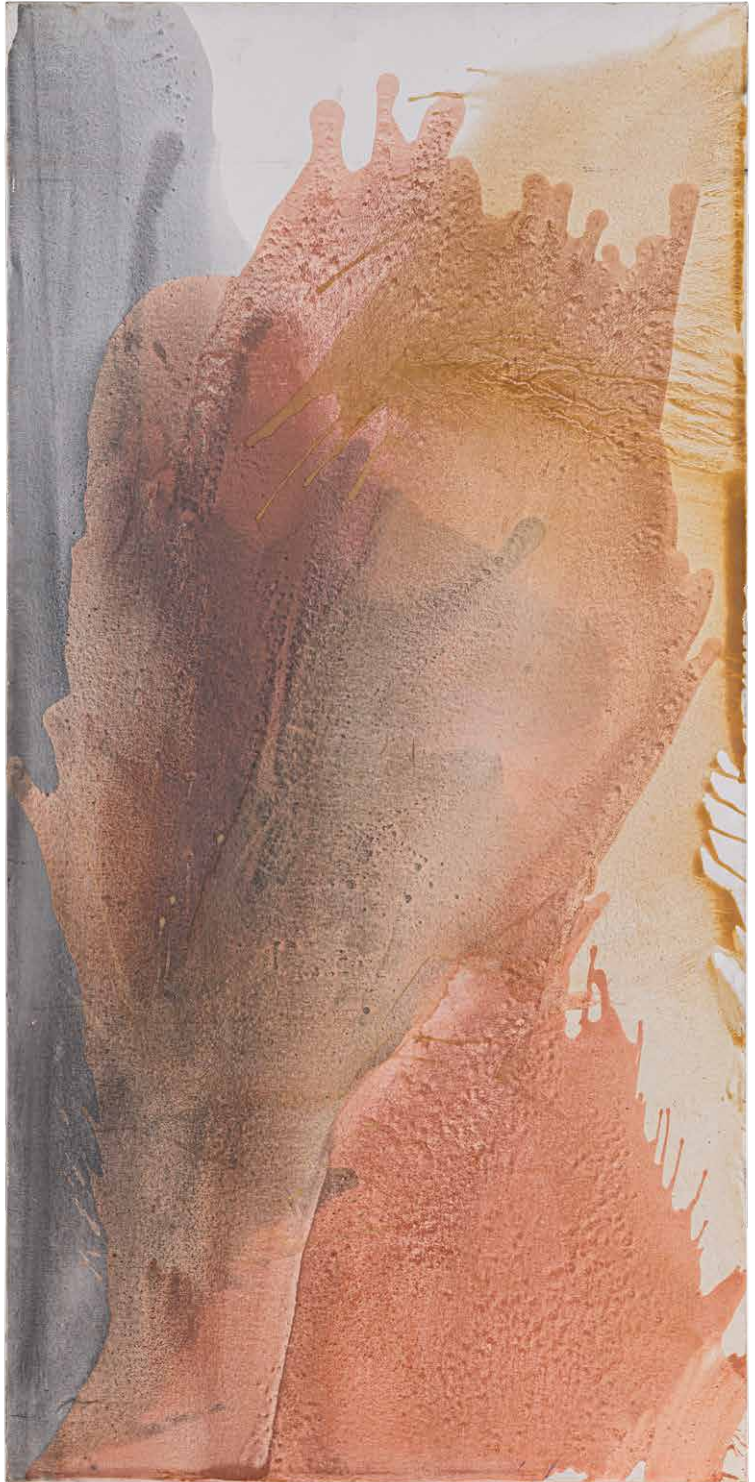
Sem título, 2010
Terra e emulsão
sobre tela
180 x 120 cm
Acervo da artista



Sem título, 2006
Terra e emulsão
sobre tela
140 x 100 cm
Acervo da artista



Sem título [ambas], 2014
Terra e emulsão sobre tela
120 x 100 cm [ambas]
Acervo da artista



Tulipa, 2005
Terra e emulsão sobre tela
190 x 100 cm
Acervo da artista



À esquerda
Sem título, 2013
Terra e emulsão sobre tela
100 cm Ø
Acervo da artista

À direita
Sem título, 2014
Terra e emulsão sobre tela
80 cm Ø
Acervo da artista



Sem título, 2014
Terra e emulsão sobre tela
100 cm Ø
Acervo da artista

ALIMENTO DA ALMA

Belony viveu em Arroio Grande até os 22 anos. Suas memórias desse período são de uma comunidade ativa, unida e batalhadora, marcada pela presença de um arroio que, efetivamente, não existe mais.

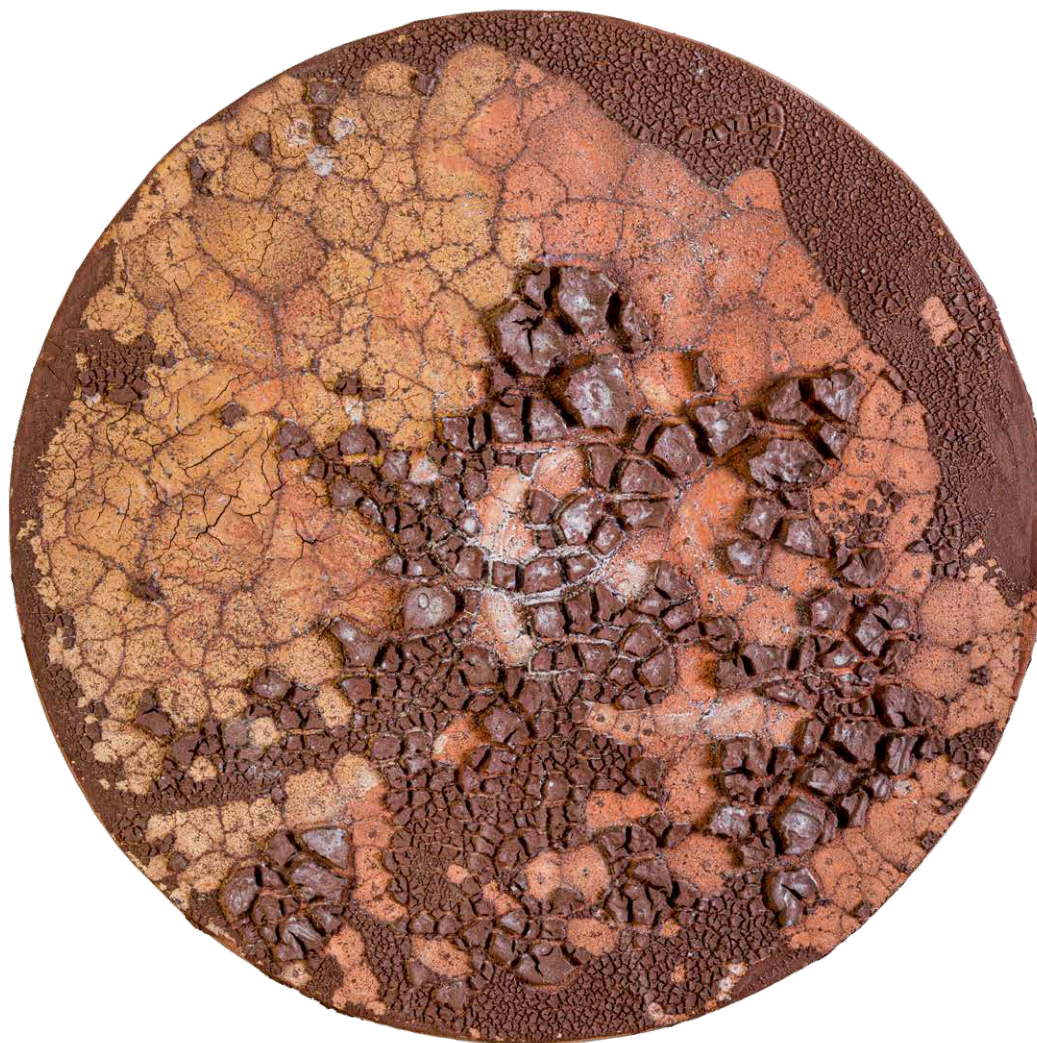
A última vez que eu estive lá, para visitar um tio quase no fim da vida, fiquei muito triste. As pessoas desmataram o que tinha e plantaram, no lugar, eucalipto. E eucalipto suga muito a água do solo. Resultado: a nascente acabou. Com ela, as frutas silvestres, os animais... Sobrou pouca coisa.

De Arroio Grande, além das lembranças e afetos, ela guarda, na entrada da casa, solitário e em destaque, um trabalho produzido com o barro do lugar. Outrora majestoso, ele se mostra visivelmente depauperado, com menos da metade de suas placas de argila – as demais sucumbiram com o tempo, assim como as pessoas, os lugares e as coisas fenecem. Ao centro, qual fantasmas, esbranquiçados, os vestígios da emulsão acrílica, da resina que insiste em fixar a terra, matéria que permanece e nos devora. É seu quinhão, sua divisa de pertencimento, e remete ao desejo derradeiro de Pedro II, imperador do Brasil.

No exílio, em Paris, ele guardava, em seu quarto no Hotel Bedford, um pacote lacrado, com uma mensagem escrita de próprio punho: “É terra de meu país; desejo que seja posta no meu caixão, se eu morrer fora de minha pátria”. Segundo consta, o invólucro, que continha solos de todas as províncias brasileiras, foi, de fato, depositado em seu esquite.

Presença simbólica a conectar o corpo do monarca ao corpo do Brasil, reforçando identidade, a terra é alimento da alma, assim como os sonhos.

Um dia a Cida, minha filha, chegou e me perguntou: “Mãe, por que tu tem tanto o sonho de fazer este livro?”. E, o que eu digo? Olha, eu nunca estudei, nunca me formei, mas eu fiz coisas que me deram muita satisfação... Hoje eu olho pra trás e abençoo minha trajetória no Atelier Livre, mesmo que “por acidente”. Abençoo e agradeço por eu ter feito tanta coisa, assim, meio que sem querer, mas fazendo e me esforçando e assumindo aquilo, de verdade.



Sem título, 2004
Terra e emulsão sobre tela
78 cm Ø
Acervo da artista

Estou prestes a fazer 90 anos. O meu tempo, aqui, está encerrando, e eu quero deixar um registro da minha experiência nesse plano, um registro do que a terra me deu, e ela me deu muita coisa. Eu acho que é sempre tempo e é sempre hora de se fazer o que se quer fazer. Como meu avô dizia, a gente morre quando deixa de sonhar. E eu vou sonhar até o final da vida.







SARAU VISUAL

BELONY FERREIRA E O GRUPO DOS CINCO

Sandra Alencar

O ano era 2005 e participávamos do projeto Usina das Artes, no Centro Cultural Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, que tinha como um dos seus principais objetivos fomentar a pesquisa e o desenvolvimento de linguagens, propiciando o trabalho continuado de profissionais ligados às artes cênicas. Integrávamos, nesse contexto, o Grupo dos Cinco, sob direção de Deborah Finocchiaro¹, e buscávamos realizar, entre tantas atividades, saraus visuais, conectando literatura, música e artes visuais. Dentro desse espectro, entramos em contato com Belony Ferreira.

Eu e Beto Russo, que então fazia residência junto ao Grupo dos Cinco, fomos conversar com a artista sobre a origem de sua obra e sobre a escolha de um material não convencional para produzir suas pinturas. Ela nos falou de sua origem ligada à roça e nos revelou um fato particular ocorrido nos primeiros anos de sua formação artística, quando ainda fazia uso das tintas. Envolvida em movimentos sociais, ela acompanhou, em meados dos anos 1980, a ocupação da Fazenda Annoni, no norte do Rio Grande do Sul, marco da construção do MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Retornando à fazenda alguns anos depois e observando não somente a coloração avermelhada, mas a densidade do chão por onde passava – pegajoso, denso, no qual os pés afundavam e a pele ficava tingida –, foi tomada por um impulso de recolher um punhado daquela terra “forte, pesada e vermelha”

1. O Grupo dos Cinco foi criado em 2003 e desenvolveu suas atividades até 2013. Seu núcleo inicial era constituído por Elaine Regina, Elison Couto, Patrícia Soso, Sandra Alencar e Simone Telechi, sob direção de Deborah Finocchiaro e produção de André Oliveira. Durante o projeto Usina das Artes, o diretor Beto Russo foi um dos residentes do grupo.



que, mais tarde, ousou assentar sobre papéis. Ali teve início sua pesquisa estética, assinalada por uma escolha matérica e pictórica que, para nós, era muito política. Comovidos por seu discurso e instigados pela dimensão dramática das suas telas, desejamos expandir cenicamente a exposição.

LEVANTADOS DO CHÃO

Ao idealizarmos a participação de Belô nas atividades que realizávamos na Sala 404 da Usina do Gasômetro, pensamos em algo que envolvesse a exibição dos trabalhos e um viés processual. Ou seja: após percorrerem a galeria na qual estavam dispostas as obras, os visitantes teriam a oportunidade de encontrar e conhecer a própria artista, pintando uma tela de grandes proporções; os visitantes teriam a possibilidade, portanto, de uma vivência próxima à do ateliê da artista.

No chão do ambiente expositivo, havia um pequeno monte com sua matéria-prima, a terra. E eu estava sob essa mesma terra, encoberta. Partindo dessa proposta inicial, estruturamos uma intervenção cênica que chamamos de *Levantados do Chão*, tomando de empréstimo o título da música homônima, escrita por Chico Buarque, com melodia de Milton Nascimento.

Levantados do Chão
9 de novembro de 2005
Sala 404 da
Usina do Gasômetro,
Porto Alegre
Atriz
Sandra Alencar
Proposição cênica
Beto Russo
Ambientação
Rafael Silva
Realização
Grupo dos Cinco



Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
[...] Habitar uma lama sem fundo?
Como em cama de pó se deitar?

A música ecoava ao fundo e serviu de base para a ação na qual meu corpo, tingido de argila, fora misturado, mergulhado, camuflado na terra disposta aos pés da artista. Lembro bem da sensação de “ser nada”, num respiro silencioso sob o frio da argila em minha pele, até o momento em que, ao tocar na matéria, Belô despertava esse corpo de mulher que se erguia para dar voz ao poema. Era como se, das mãos da artista, se fizesse audível o sussurro e o grito das entranhas da terra. Os versos soltos no ar se transformavam em traços na tela. Versos, voz, cor e movimento gerando uma sinergia movida pela força do elemento terra. Lembro da reação da plateia, lembro do susto, lembro da surpresa, lembro da suspensão. A ação não durou mais do que cinco minutos, mas a atmosfera conectou as pessoas em um tempo sensível não dimensionável.



TERRA

O contato com as obras de Belony e a oportunidade de testemunhar alguns momentos de sua criação nos provocou a ideia de uma nova *performance*, a qual chamamos simplesmente de *Terra*. A segunda edição do Sarau Visual foi realizada um ano depois, em 2006, e teve como inspiração o universo do poema dramático *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Nesta edição, contamos com a participação da atriz Alessandra Carvalho, do Grupo Povo da Rua – teatrodegrupo. Mais uma vez, o ambiente foi devidamente organizado, de modo a conduzir o público até a artista. Ela, tal sacerdotisa diante do oráculo que era a sua grande tela, aguardava em quietude o fluxo da escuta imagética que nos seria revelada.

Terra

28 de novembro de 2006

Sala 404 da
Usina do Gasômetro,
Porto Alegre*

Atrizes

Alessandra Carvalho
e Sandra Alencar

Proposição cênica

Beto Russo

Realização

Grupo dos Cinco



Se, no primeiro sarau, meu corpo estava em meio à terra que a artista revolia para pintar, nesta proposta nossos corpos eram o veículo da cor, dos pigmentos; nossos corpos eram o veículo a ser lançado na tela para a construção de uma imagem imprevisível.

Tenho a memória do vigor das mãos de Belony, conduzindo a mim e à Alessandra Carvalho, pressionando nossos corpos sobre a tela. Por um instante, a consciência de nada ser. Depois, a vibração de ser pó e de ser habitada por relevos, camadas, texturas e ecos... Ao final, nos desprendíamos da superfície da tela para uma sequência coreográfica, enquanto Belô explorava as marcas de nossos corpos impressos, tracejando sobre a matéria.

* O Sarau Visual *Terra* também foi realizado a 19 de março de 2008, no Café-Concerto do Sesc Centro, em Porto Alegre, integrando o projeto Arte Conjugada.



BARRO, OU A CONEXÃO DE BELONY FERREIRA COM MANOEL DE BARROS

Ao invés de uma galeria com as obras, uma sala vazia. No lugar da tela tradicional, o chão como tela. As *performers* ocupam a tela como se terra fosse. Ao invés da artista interagir com as *performers* no momento de sua criação, ela própria também é *performer* agora. Enquanto a luz abre em resistência, Belony atravessa a sala sem pressa. Tal qual a imagem de uma criança que puxa um carrinho, ela carrega uma lata presa a um barbante. Ao explorar a terra como tinta, Belony não nos oferece apenas uma obra artística, mas, em certa medida, uma manifestação viva da natureza, que nos leva a uma profusão de sentidos e cuja leitura se refaz a cada novo olhar.

Dispostos em diferentes pontos da vazia e branca tela-chão, estão os corpos-terra das *performers* Alessandra Carvalho, Elaine Regina, Margarida Rache, Patrícia Soso e eu.

“Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo”.²

A poética onírica e pantaneira de Manoel de Barros, repleta de imagens visuais, foi o mote encontrado para o nosso terceiro sarau, em 2011. Passados cinco anos, nosso desejo era amplificar a sutileza do diálogo en-

Barro

16 de agosto de 2011

Sala 505 da
Usina do Gasômetro,
Porto Alegre

Atrizes

Alessandra Carvalho,
Elaine Regina,
Margarida Rache,
Patrícia Soso e
Sandra Alencar

Proposição cênica

Beto Russo

Videomaker

Alexandre Munhoz

Realização

Grupo dos Cinco

2. Do livro *Retrato do artista quando coisa* (1989), de Manoel de Barros.



tre os elementos presentes na *performance*, ou seja: matéria – som – cor – movimento, de modo a configurar um grande mosaico inspirado pela visão multifacetada do elemento terra. Naquele momento, ocupávamos nova sala na Usina do Gasômetro, um espaço de reduzidas dimensões e que proporcionava atividades de caráter mais intimista. Com foco no hibridismo cênico e valorizando a geometria daquele espaço, Beto Russo propôs uma concepção que unia a prática pictórica e performativa com a criação audiovisual. O universo telúrico de Manoel de Barros, com sua gramática sobre o chão e os seres rastejantes, as miudezas e a grandeza das coisas ínfimas, alinhavou a narrativa diante do público, ressignificada a partir da captação das lentes do *videomaker* Alexandre Munhoz. De repente, do espaço em branco, foram emergindo diálogos, numa escuta sensível mediada pelo gesto, pela respiração, pelo ritmo não linear do pincel, pelo peso dos corpos argilosos, ganhando cores, formas, texturas e presenças que, como espelhos de um caleidoscópio, eram fragmentados e projetados em novas combinações, para apreciação do público. Versos e gestos aos poucos preenchiavam a sala-tela, que ia se inundando de cores e expressões numa abordagem não tradicional de mais uma criação de Belony Ferreira.

Durante e após, a consciência de estarmos vivendo uma epifania.











SUSTENTAR O CANAVIAL

Maria Helena Bernardes

Há mais de vinte anos, vi, pela primeira vez, estes mesmos desenhos que Belony retirava das gavetas em uma visita a seu ateliê, em novembro de 2023, em companhia de Paula Ramos. Fomos recebidas por ela no portão da casa térrea fronteada por um jardim onde cresce um pé de acerola. Matamos a saudade, ela e eu, que há tanto não nos víamos, e a ouvimos falar de sua expectativa em torno do livro que reuniria sua obra. O encontro era de trabalho: ela me mostraria os desenhos que eu ansiava reencontrar.

*

Belony nos conduziu pelo quintal até uma construção alta, nos fundos do terreno, onde mantém seu estúdio. No caminho, mostrava-nos as plantas, contando sobre o longo tempo em que mora na casa onde criou a família. Na peça onde guarda os desenhos, além da mapoteca, há, também, uma maca para aplicação de Reiki. O ar leve irradiava uma luminosidade amarelada. O bem-estar era intensificado pela brisa que entrava pela porta, por um odor suave de incenso e pela voz baixa de Belony, que finaliza as frases com uma risadinha curta, lembrando que tudo pode carregar um lado alegre.

*

As mãos de Belony distribuía os desenhos no chão sem cerimônia, como se fossem folhas de um caderno comum. Aproximávamo-nos do final da

primavera. Uma parreira subia pelo corrimão da escada até a porta do ateliê. Estava carregada de uvas e da força de folhas jovens.

*

Minha primeira impressão foi de que o tempo parecia não ter passado para os desenhos: eles permaneciam intactos, frescos, cobertos por grafismos que nada perderam em vivacidade. Poderiam ter sido feitos há dias ou semanas. Belony seguia retirando folhas das gavetas aleatoriamente. Comentava sobre os tipos de linhas que compunham cada trabalho. Com cuidado, nós os tomávamos nas mãos para olhar de perto. São de uma beleza que não parece possível resultar de um exercício tão exaustivo de repetição de gestos e formas, como sabemos ser o dela. Há trabalhos tomados por linhas longas e curvas; outros, por grafismos mais curtos; há, também, traços arqueados ou espiralados que evoluem como molas. Alguns desenhos resultam de golpes breves na superfície do papel, repetidos como em *staccato*. Em cada um, a multiplicação de linhas avança como uma onda interrompida antes de tocar a margem, congelada em um bloco gráfico contra o fundo intocado do papel.

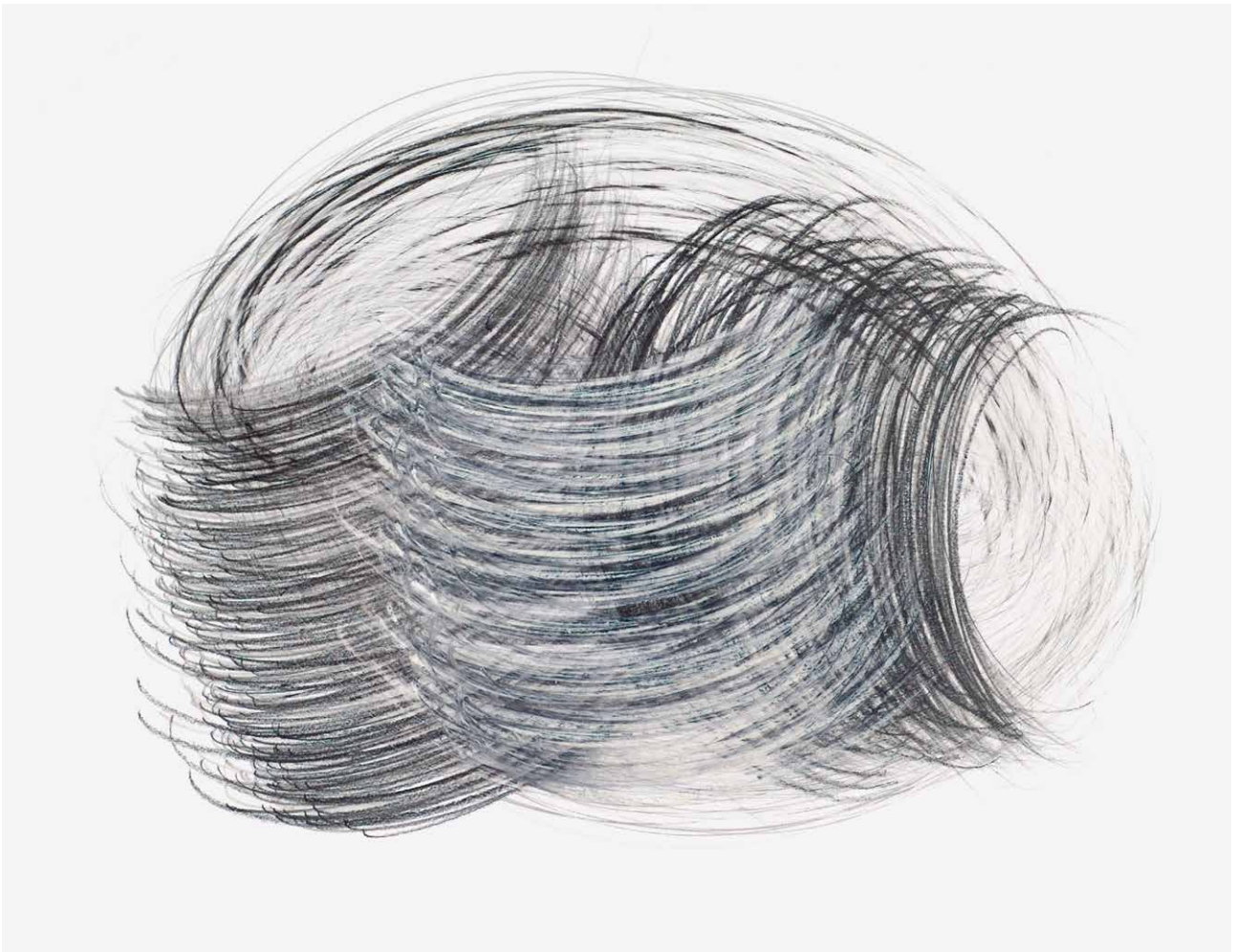
*

No passado, eu vi padrões nesses trabalhos: no uso do repertório abstrato, dos gestos gráficos e dos materiais (grafite; um pouco de guache branco; uso de borracha para abrir luz; de folhas predominantemente retangulares). As linhas pareciam feitas por movimentos do braço de igual duração e extensão. Em vários casos, justapõem-se, à medida que o braço desliza sobre o papel como uma impressora – não mecânica, mas uma impressora emocional, reativa a cada marca e a cada golpe gráfico sobre a vazia. A quebra da uniformidade me parecia provocada pela variação da pressão que a mão imprime ao lápis. Vendo-os de perto, agora, meus olhos não cessavam de se encantar com as variações de luz e intensidade dos traços: há linhas vivas e mortíferas; estridentes e caladas; encorpadas e evanescentes; traços mais ou menos cortantes, cinzentos, negros, espessos ou milimétricos. Entre as linhas escuras, há filetes de luz.

*



Sem título, c. 2001-2011
Grafite e lápis dermatográfico sobre papel
50 x 65 cm
Acervo da artista



Então, se trata de repetir. Mas não é essa a nossa maior luta, contra a repetição?

*

Repetir tarefas, e repeti-las até morrer, é a história das mulheres. Nós repetimos mais do que os homens repetem suas ações; alargamos nossa tolerância à repetição de cuidados e a reviver os ciclos do corpo. Resistimos ao desânimo abrindo fendas livres de repetição em nossos dias. Em algum momento, aprendemos a avançar sem sair do lugar.

*

Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico
sobre papel
50 × 65 cm
Acervo da artista



Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico
sobre papel
50 × 65 cm
Acervo da artista

“O que eu fazia na roça? Fazia de tudo o que se faz lá!” – Belony reage à minha pergunta como se a resposta fosse óbvia. Afinal, ela é filha de uma família de agricultores. “Capinava; plantava; cortava cana; carregava. Preparava a rapadura, o melado”, ela completa.

*

Meu corpo não é o de uma agricultora e minha paisagem nunca foi o canavial. Dele, guardo a memória de viagens no automóvel da família pela Zona da Mata pernambucana, em estradas ladeadas por ondulantes plantações



de cana, lavadas pelo sol. Morando no Nordeste quando adolescente, eu ignorava que, naquela mesma época, no remoto Sul, o ciclo da cana estava se encerrando em uma região não muito distante da capital onde nasci e que deixei ainda pequena para retornar quase moça.

*

A visita a Belony foi estendida por um chá perfumado de abacaxi com maçã e especiarias, acompanhado de uma torta de coco queimado que ela preparou para nos receber. Um deleite inesperado se somava à visita ao ateliê!

Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico
sobre papel
50 × 65 cm
Acervo da artista



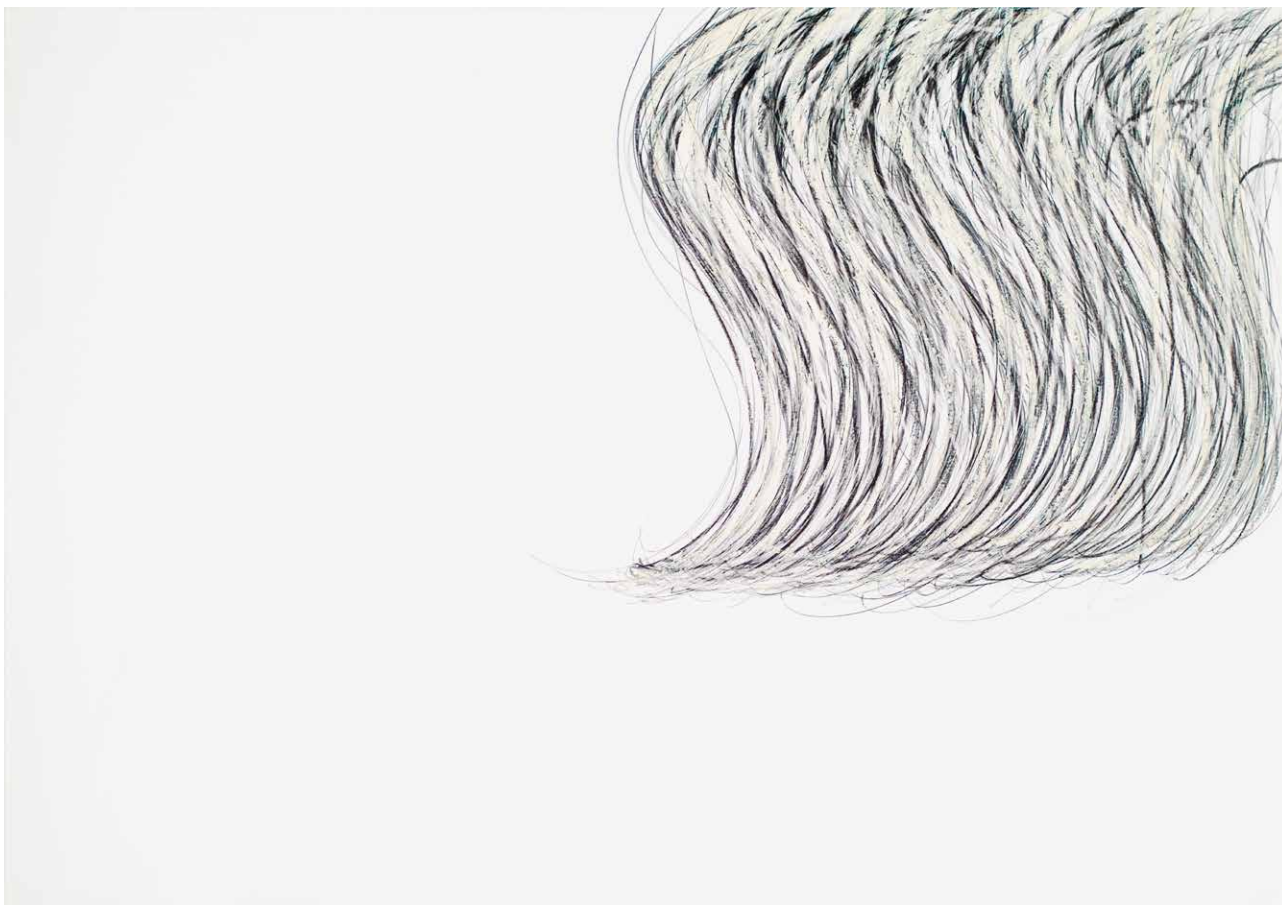
Sem título, c. 2001–2011
Aguada, grafite
e lápis dermatográfico
sobre papel
50 × 65 cm
Acervo da artista

Conversamos sobre sua rotina na casa, onde vive com autonomia. A mesa estava posta com xícaras antigas sobre uma toalha branca com bordados manuais. Pelas janelas que dão para o quintal, o sol alcançava a cozinha. Belony nos contou sobre suas filhas, netas e bisnetas: “São vegetarianas e veganas. Testo novas receitas quando elas vêm me ver”. Com alegria feminista, mostrou um presente recebido das familiares em seu último aniversário: um retrato no qual a vemos rodeada pelas três gerações de mulheres que descendem dela.

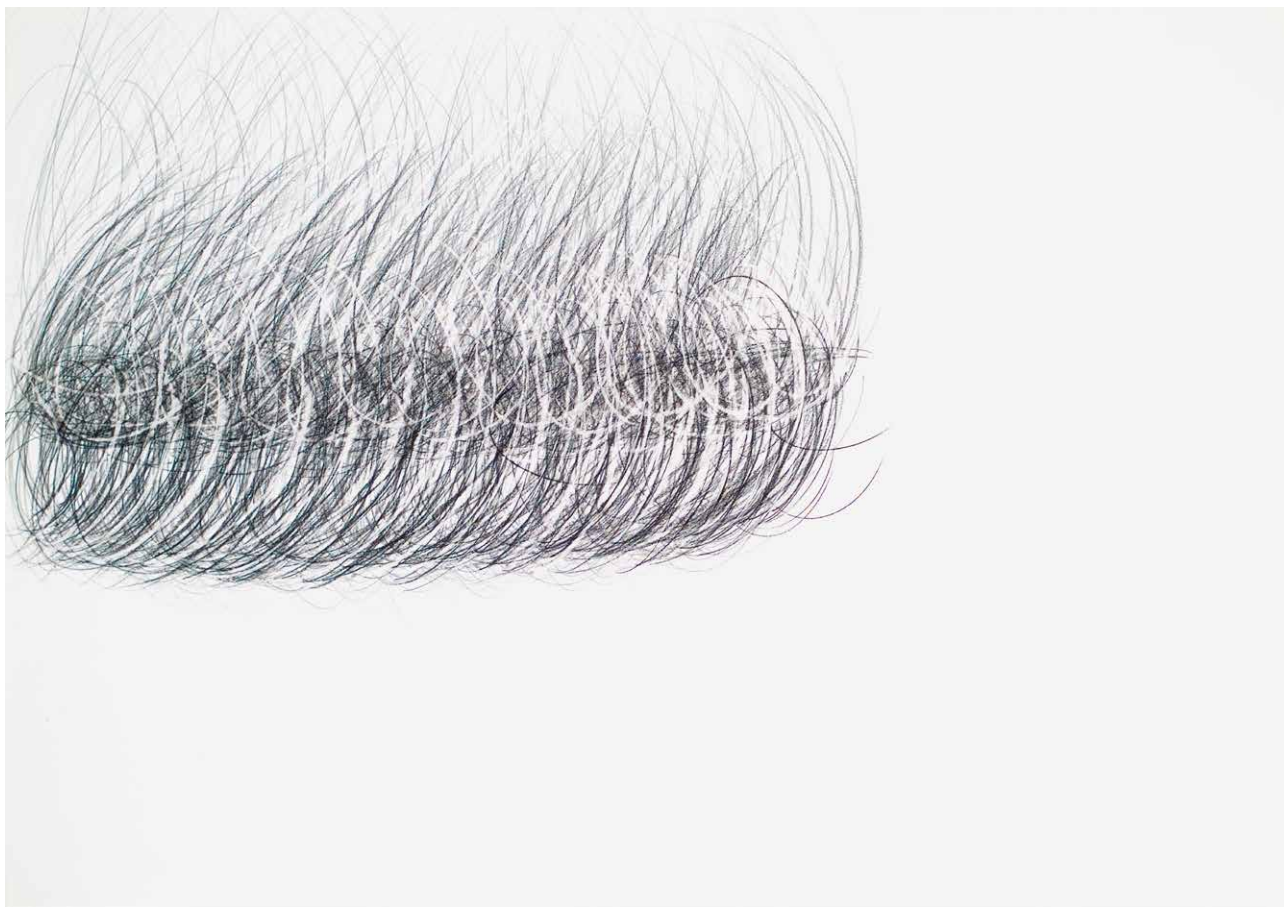
*



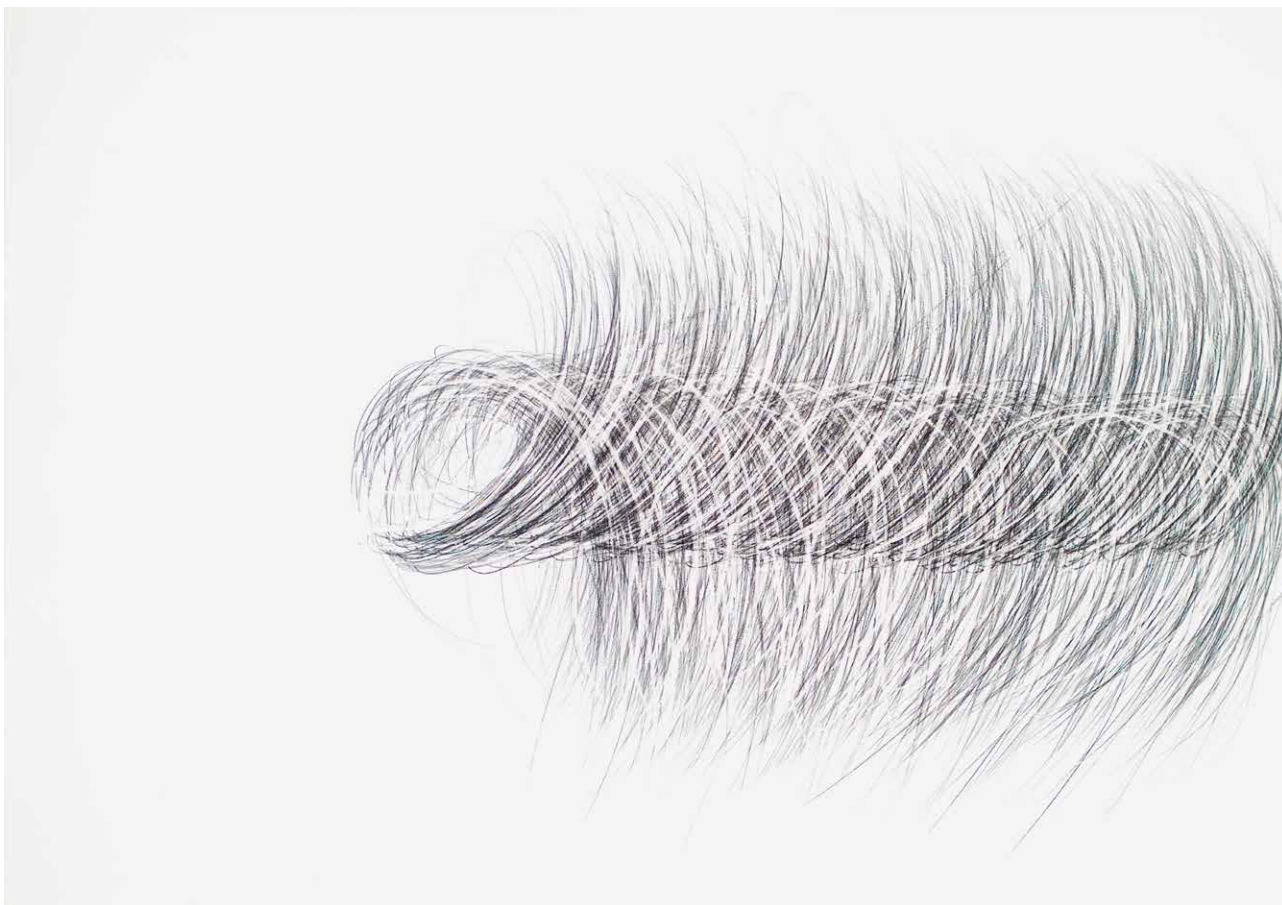
Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico sobre papel
115 × 150 cm
Acervo da artista



Sem título, c. 2001-2011
Grafite e lápis dermatográfico sobre papel
115 × 150 cm
Acervo da artista



Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico sobre papel
115 × 150 cm
Acervo da artista



Sem título, c. 2001-2011
Grafite e lápis dermatográfico sobre papel
115 x 150 cm
Acervo da artista

A família de Belony morava na região de Santo Antônio da Patrulha, onde se desenvolveu o ciclo da cana. Adulta, ela esteve na fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, foi ativista por agricultores que deixaram suas terras diante do fechamento da cooperativa estatal de açúcar, ao final dos anos 1980. Ela encontrou a arte quando seus filhos já eram adultos e nunca mais se separou dela. Carrega no desenho, na pintura e na *performance* os sentidos e a ética que norteiam, de forma sensível, sua vida.

*

Hoje compartilho um pedaço de terra em um morro do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Foi nessa região que os antigos canaviais se desenvolveram por mais de século, tomaram campos e encostas e desapareceram, deixando um vácuo econômico e a oportunidade para que a mata secundária regenerasse a terra. É verdade que anos de contato com esse lugar têm me aproximado da roça e da mata, produzindo mudanças em minha vida. Contudo, ainda sou uma observadora, uma habitante da cidade que não teve seu corpo e subjetividade modelados pela lida no campo.

*

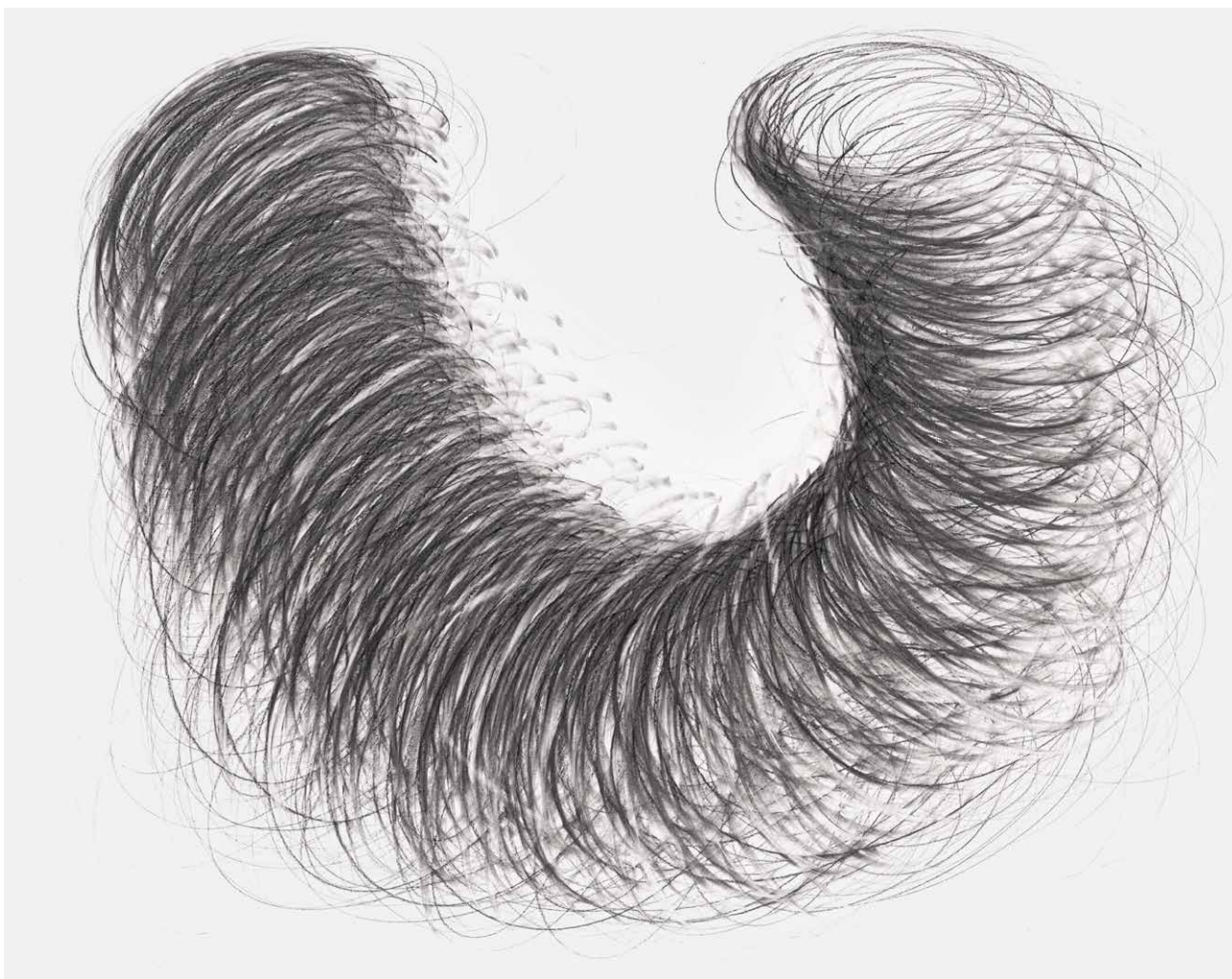
Do despertar ao adormecer, os animais repetem movimentos. Quando não submetidos à violência, são felizes em sua jornada.

*

Eu observo a repetição da vida na roça dentro dos dias (os horários de ordenha; de lançar o milho para as aves; o corte do pasto para o boi; a coleta dos ovos), dentro dos meses (a semeadura e o plantio de mudas nas fases próprias da lua), dentro dos anos (os meses de poda; de cultivo de pasto para o frio; do preparo da terra para plantio dos grãos do verão). Vejo o giro repetido dos cuidados com a casa (o abastecimento com lenha e conservas; a engorda dos animais; a provisão de carnes, banha e embutidos; o galpão cheirando a estrume e penas queimadas).

*

Deixamos o ateliê de Belony ao final da tarde. O ar começava a esfriar sob os primeiros sinais do poente. Belony acompanhou-nos até o portão.



Sem título, c. 2001-2011
Grafite e borracha sobre papel
50 × 65 cm
Acervo da artista



Estava contente com a evolução de seu jovem pé de acerola que já dá frutos. “Um pedacinho do Nordeste vivo no Sul”, eu comentei. A acerola transposta de lugar resiste e frutifica.

*

Penso em outra transposição, ao me lembrar das linhas do canavial, flexíveis sob medida para suportar o vento das encostas do Sul e resistentes ao calor contínuo do Nordeste. Talvez Belony não imagine que uma observadora de seu trabalho possa reencontrar a ondulação do canavial em suas

Sem título, c. 2001–2011
Grafite, borracha e
lápiz dermatográfico
sobre papel
115 × 150 cm
Acervo da artista



Sem título, c. 2001–2011
Grafite e lápis dermatográfico
sobre papel
124 × 152 cm
Acervo da artista

linhas e que possa ver, em seus gestos repetidos, a perseverança de construir a diferença por marcas similares deixadas pelo corpo, mas nunca, em caso algum, idênticas.

*

Nos anos 1990, Belony trouxe colaboradoras ao encontro da terra, imprimindo seus corpos com barro em *performances*. A terra, o corpo da mulher e a repetição proveram conteúdo, materiais e formas à sua criação nas diferentes linguagens com que se envolveu. Quanto aos desenhos, arrisco

dizer que eles acolheram o horizonte encoberto pelas linhas ondulantes do canavial – um eco afetivo de uma paisagem repetidamente vivida pelo corpo?

*

Nos desenhos que conheci há duas décadas, ainda admiro, hoje, a presença de padrões, a força gráfica e a expressividade extraída de poucos elementos. Sigo tocada pelo virtuosismo da artista ao operar uma margem tão estreita de recursos. Porém, minhas antigas percepções, estritas ao plano da linguagem visual, dificilmente sustentariam uma escrita à altura do que me comove nestes trabalhos, hoje. Escrevo, agora, mobilizada pelo impacto do corpo contra o papel; da repetição, sim, mas não apenas dos elementos visuais, mas dos gestos de uma agricultora, filha, mãe, avó e bisavó; da ativista, da reikiana na maturidade e da artista – entre outras experiências que constituem a pessoa de Belony.

*

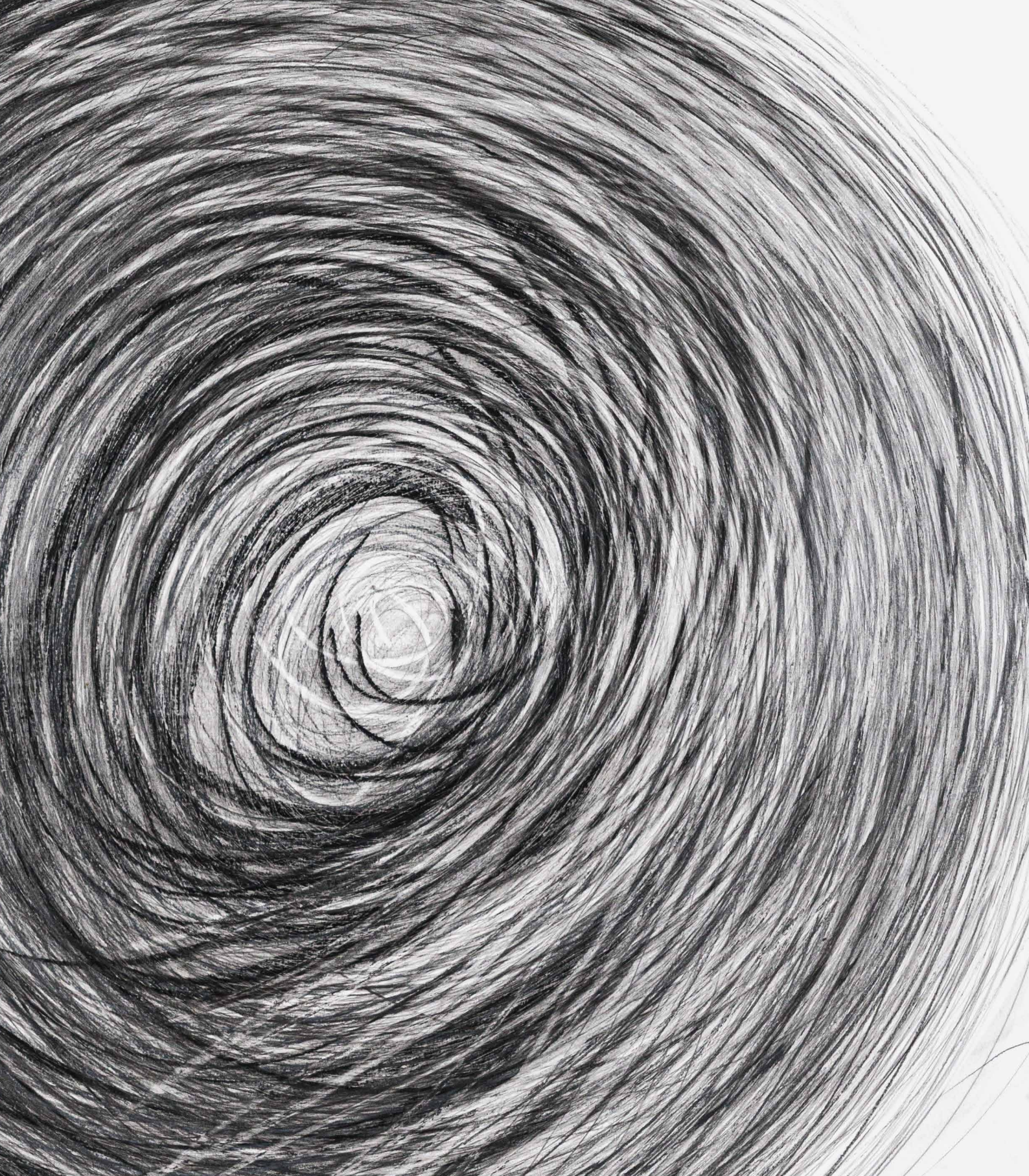
Cada linha nascida da repetição nos liberta dela própria, repetição. Parece simples chegar a esta conclusão depois da tarde que compartilhamos com Belony e, finalmente, compreender do que se trata, ao olhar para os desenhos da artista.

Trata-se, então, de criação. Avançando sem sair do lugar, o corpo nada repete porque ele só é capaz de criar. Da criação pela repetição, um corpo abre fendas, segue sustentando seu canavial.



Sem título, c. 2001-2011
Grafite e borracha sobre papel
50 x 65 cm
Acervo da artista







MULHERES, TERRAS, CORPOS

BELONY FERREIRA EM TRÊS AFORISMOS

Paola Zordan

ANCESTRAIS

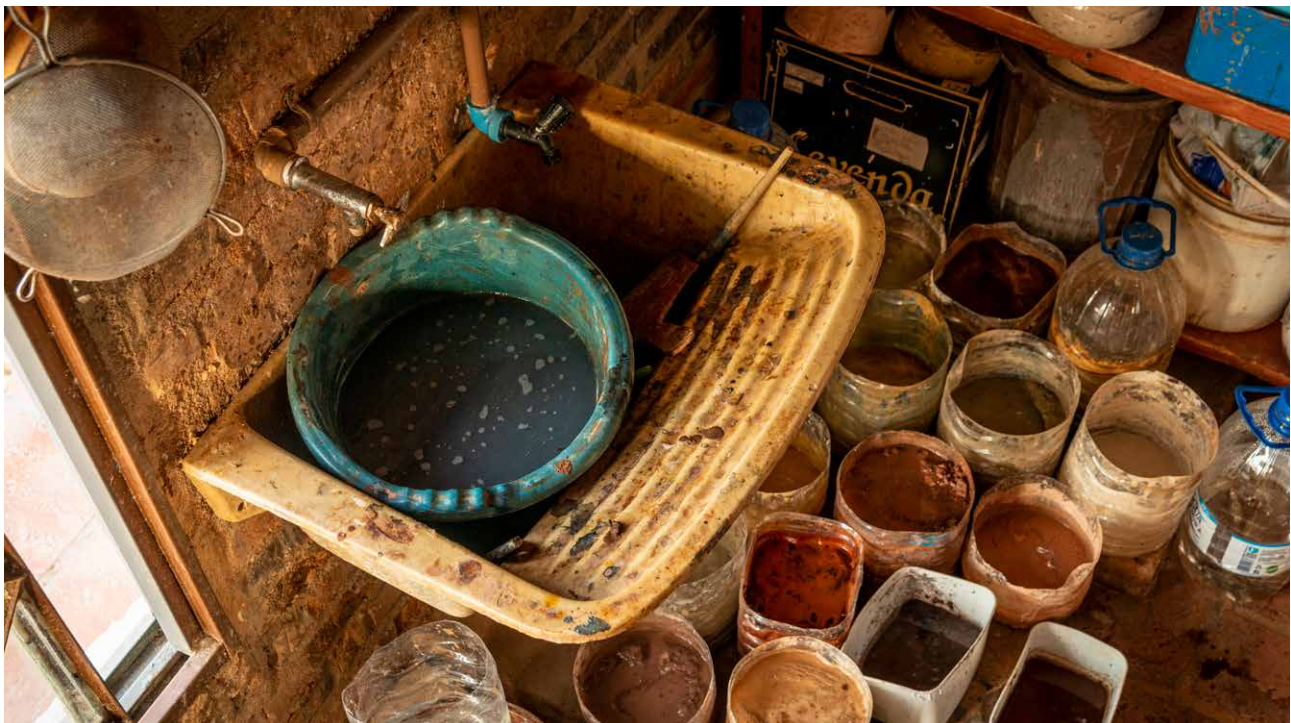
Poderíamos dizer que se trata de uma história da vida. Só que não. Poderíamos pensar a *opus* de uma vida em todas suas inúmeras realizações, porém tudo o que numa vida se realiza torna-se pouco para abarcar a força de suas diversas experiências. Algumas vidas singulares tornam arte o que, com seu corpo, sucede: vida-obra. Uma obra extrapola o que a pessoa viveu, pois imprime o que aprende na eternidade. Nas obras – efetivos ensinamentos de um corpo que experimentou aquilo que impregna para a posteridade –, encontramos a artista, a mulher que deixa suas marcas para as gerações futuras; a filha, a irmã, a amiga, a mãe, a avó, a bisavó que, em cada etapa da existência, traz tanto no corpo, como na alma, ensinamentos ancestrais.

Pensamos, então, somente na obra, cuja matéria principal é a terra, não argilas aptas a se perpetuarem em queimas, mas sim terras, armazenadas secas, em diversos graus de esfarelamento, de procedências diversas, em matizes variados e até contrastantes. Em superfícies, essa matéria, em contato com a água ou outro solvente, torna-se pintura, a qual se complementará com as fissuras que a secagem dessas massas, terras e águas, criam. Os acasos, expressos no destino inescrutável daquela matéria, são elementos-chave. Ainda que química ou até fisicamente se expliquem as pequenas erosões, não há, nessa ação, nenhuma previsão das linhas que

completarão a obra. Uma artista que não procura controlar seu trabalho e sim levar-se pelo que, no material, se manifesta. Tal aceitação nem sempre é fácil. Para tanto, é preciso aquela confiança inacreditável que somente quem conhece os mistérios dos elementos consegue ter: fé.

Nunca vimos fé mover montanhas, mas vemos jardins que são fruto de uma fidelidade ímpar de quem a eles se dedica, pessoas fiéis à natureza; de quem se encanta com flores, pássaros, uma árvore frutífera. Há como separar vida, casa, família e obra? Qual a diferença entre o balcão da cozinha e a mesa de ateliê? Uma espécie empírica de alquimia, em português ainda inominada, dá-se nesse corpo que se oferece a todas experiências: terapêuticas, de leituras, de educadora popular que levou o manejo com terra para centenas de oficinas ao longo da vida. Uma de suas muitas faces, característica expressa em um nome, na autoria, em uma família, em uma história; uma vida que aqui, em livro, coletivamente, exprimimos.

Não é possível anular as imbricações entre todas as facetas dessa arte e dessa vida. Uma linha, cadenciada por sentidos que nos arrebatam,



mistura a anciã e seus muitos descendentes, a artista experimentadora, a mestra reikiana, a oficinaira das multidões, a anfitriã generosa, entre muitas outras. Quem sabe uma deusa agrícola, de raízes silvestres, levando a terra, tão ordinária para as sociedades que precisam de algo a profanar, ao *status* de obra máxima.

Mostrando o quanto tudo o que existe pode ser sagrado, a arte rompe com o que, em contraposto, se estigmatizou “mundano”, do mundo. Todavia, nada no mundo, criado sem a corrupção do homem, pode ser feio. O único conceito de beleza que nos cabe, assim, é aquele sentido pelo coração de quem ama. Aquelas pessoas que são fiéis ao amor que sentem por todo uni – multi – pluriverso. Uma artista, uma pessoa conectada a uma imensidão, às plantas, aos animais e aos coletivos. Uma mulher em seu jardim, uma mulher sentada com visitas à mesa, uma mulher cuidando da saúde do seu corpo. Tudo isso em prol da vida de muitos e para perpetuar ensinamentos exponencialmente maiores do que sua própria vida e todas as histórias que nesta vida poderiam ser contadas.

BATALHADORAS

Ainda nem amanheceu e já há mulheres trabalhando. Mulheres preparando alimentos para o dia, recebendo os que despertam, definindo tudo o que é preciso fazer para que a vida siga seus ciclos. Alvoradas e ocasos. As tarefas sempre são muitas. O pão a sovar, os grãos a moer, o leite a ser tirado, as ervas a serem cuidadosamente cortadas, as frutas a colher, o mel a ser extraído, a água a ser filtrada. E muitas pessoas a serem atendidas. As providências nunca acabam e uma visão perspectiva é exigida para que tudo se desenrole, dia após dia, do modo mais harmônico possível. Para se vencer pias cheias de louça, tulhas com muitas roupas, baldes com panos encardidos, pás, vassouras, eletrodomésticos, abrir e fechar janelas, observar ventilações, um canteiro a ser limpo e rearranjado... Entre cômodos e cantos, demandas alheias contornam obrigações pessoais, domésticas, profissionais. Em meio a isso tudo e muito mais, descobrir-se artista afirma o que desde sempre, desde a semente que irrompe na terra, está lá, no corpo dado a servir. Trata-se de um corpo que aprendeu a driblar cansaços, aproveitar insônias, separar resíduos, presentear afetos, oferecer



inúmeras respostas. Um corpo de lutas e convicções que se flexibilizam, pois sabe que é melhor dobrar-se perante ventanias do que se deixar quebrar. O corpo de uma mulher invencível, que ergueu uma família. A terra a lavrar nem sempre é o chão. Por cada pedaço por onde se anda, o aprendizado se esparrama nas obras que, antes de serem algo a ser cumprido, atestam o pulsar de um corpo tornado arte.

O espectador que vê o trabalho em uma parede, numa exposição, numa instituição cultural, numa galeria ou onde quer que seja, quase sempre ignora o trabalho árduo, muitas vezes corporal, demandado por quem o executou. O resultado exposto pouco dá a ver o que fisicamente foi exigido para que aquilo se apresente ali. Há trabalhos para os quais o físico da artista, com a idade, não mais comporta. Muitos dos trabalhos pictóricos, por vezes em grandes dimensões, aconteceram no chão, principalmente no chão. As marcas pelo ateliê atestam a largura dos gestos, o registro das margens, a dança entre terra e artista, de modo que, por vezes, ambas são indistinguíveis. De tudo o que o acervo nos traz, só é possível distinguir entre os desenhos em carvão e os inúmeros trabalhos pictóricos com terra. Pinturas? De resto, pouco se sabe de tudo o que no íterim do corpo e dos materiais se deu. O que se intui é que, em todos os trabalhos, assim como na presença da artista, da “terra”, como ela mesma diz de si, a vida acontece em todo seu íntimo esplendor. Essa energia vital – *ki*, na versão japonesa desse tradicional vocábulo chinês –, sentimos em seu trabalho, em seu jardim, em sua casa, em seu corpo. Com palavras, não é possível expressar o que as forças dessa vida imprimem.

Por mais preciso que se queira um texto, a palavra que traduz a obra trai o acontecimento que a cria. E por acontecimento, em seu sentido infinitivo, temos o viver de cada instante que se estende ao passado e ao futuro, mas cuja força, inabarcável, nunca se consegue capturar. Tudo o que se viveu, tudo o que foi sentido, de um certo modo, se perde, ficando o resultado sempre imprevisto quando dependente dos que, com a obra, se deparam. O que a matéria conservada provoca após sua criação não implica o que se faz para torná-la obra. Mesmo quando nitidamente autoral, há uma certa autonomia na obra, pois esta existe para além do que a artista, como pessoa, é. Por obra podemos pensar aqueles feitos que sempre se encontram mais para devir do que para ser.



Quase um novo dia, pelo truque das contagens ao meio da noite, e mulheres como a nossa artista seguem guardando objetos, recolhendo roupas, conferindo itens. São guerreiras da paz, cujos “feitos” são aqueles que podemos partilhar antes e depois de abraços: um chá de cultivo próprio, uma torta feita em casa, biscoitos especiais. Toda sua grandeza está nas pequenas coisas. Sua luta é básica, na defesa do simples, na alegria dos bons encontros, das trocas profícuas, no marulhar das sintonias, com nada menos que amor.

MESTRE

Dar ao outro o que se aprendeu: ensinar. Paradoxalmente pouco simples, mas algo que, com palavras e atitudes, quem ensina almeja. Como ensinar a força que a terra, matéria jamais totalmente decifrada, possui? Propor terra enquanto material para experimentação a transforma em pura matéria para o pensamento.

O trabalho com barbotina, que são argilas diluídas fazendo as vezes de tinta, terra como pigmento para experimentação sobre superfície, pode ser estendido para grupos e pessoas em miríades de espaços coletivos. Trata-se da artista, na plenitude de seus saberes, que por meio de convites ou batalhas em editais, realiza a intenção de que todos possam viver a riqueza de suas próprias experiências. O intuito é experimentar as forças intraduzíveis do poder criador da terra, abrindo possibilidade de conexões com a Terra, corpo que nos une. Ao percorrer escolas, oficinas em fóruns, centros comunitários, turmas de muitos tipos, oferecendo seus saberes para além do que a proposta, aparentemente fácil, traz, milhares de corpos se aproximam dessa força. Aparentemente *insignáveis*, ou seja, incapazes de serem *ensignadas*, as forças da terra se fazem sentir. Ainda assim, se professam via transmissão de aprendizados do corpo que em *Signa* não apenas a matéria, mas toda uma vida, suas relações, suas conexões, suas perdas. Professoras, mestras, *ensignantes* de vida fazem pensar; mas, sem sentimento, pouco daquilo que se pensa vale; sem conectar corpo e pensamentos, sem fazer fluir a energia vital com a emanção pluriversal de tudo o que existe, nada do que se ensina permanece.

Embora a intuição seja uma grande mestra e os acasos sejam exímios ensinadores, há que se considerar a postura disciplinada para que as maravilhas aconteçam. Disciplina como atitude entre mestre e discípulos aprendendo junto das matérias eleitas à exploração, à compreensão, ao conhecimento. Aproximando-se de saberes sem exaurir o tanto de inaudível, impronunciável e imperceptível que as aprendizagens comportam, o que é aparentemente indecifrável vira a vida e a magnitude de sua força. Entretanto, não há segredos, pois tudo que a fé, na imensidão, apresenta, são lições as quais todos podem acessar. A obra acontece para quem quiser penetrar nela. Tudo se resume na alegria dos bons encontros e na abertura a sentir, em atenção plena, o que alguém, em estado amoroso, ensina.







NOTAS DE UMA TRAJETÓRIA

Maíra Flores
Paula Ramos

Belony Alma de Souza nasceu a 15 de julho de 1935 na região fronteira entre os municípios de Gravataí, Taquara e Santo Antônio da Patrulha. Filha dos agricultores Alma Bühl e Otalíbio Martins de Souza, cresceu em meio ao canavial, plantando e vivendo do cultivo de cana-de-açúcar. O universo das artes visuais, ela só foi conhecer na maturidade, há muito com o nome de casada, Belony Ferreira.

FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Em 1989, a partir do convite de um amigo, Belony Ferreira ingressou no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ali permanecendo por, pelo menos, 13 anos. Na instituição, realizou uma série de cursos em práticas artísticas, sob orientação de diversos profissionais. Paralelamente aos estudos em Pintura, Desenho e História da Arte, dedicou-se a algo que se mostraria fundamental em sua poética: Expressão Corporal.

1989 – 1997 *Expressão Corporal*, com Suzel Costamilan Paes, Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

1989 *Pintura*, com Tânia Moura, Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

1990 *Desenho*, com Ana Isabel Lovato, Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

1991 – 1992 *Desenho*, com Carmem Morales, Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

1991 – 2010 *Produção em Ateliê*, sob supervisão de Antônio Frantz Soares, o Frantz, Porto Alegre (RS)

1999 – 2002 *História da Arte*, com Jane Cravo, Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

2006 *Iniciação Teatral*, com Roberto Russo, Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS) [Atividade desenvolvida durante a residência artística de Roberto Russo com o Grupo dos Cinco, no âmbito do projeto Usina das Artes.]

2010 *História da Arte Contemporânea*, com Maria Helena Bernardes, Arena Cursos, Porto Alegre (RS)

VISIBILIDADE

Motivada pelo ambiente de produção, aprendizado e trocas, Belony Ferreira passa a expor seu trabalho e a participar de diversos projetos artísticos e educativos. Realiza dezenas de oficinas para crianças e adolescentes, atua em espetáculos de dança contemporânea, participa de *performances* e expõe seus trabalhos em pintura e desenho. Inicialmente, integra mostras dos alunos do Atelier Livre, bem como coletivas e salões de arte em contexto regional. Em 1993, quatro anos após o início de seus estudos em artes visuais, realiza sua primeira individual.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1990 *Exposição dos alunos do Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre*, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre (RS)

1991 *Exposição dos alunos do Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre*, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre (RS)

1992 *Exposição dos alunos do Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre*, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre (RS)

1993 *Arte não abandona*, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (RS)

1994 *Festival Usina de Arte e Cultura*, Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS)

1995 *18º Salão de Arte Contemporânea da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa*, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), Porto Alegre (RS)

1995 *Projeto Rio Sul*, Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul), Taquara (RS) [Projeto desenvolvido em parceria com a Galeria Arte&Fato, de Porto Alegre.]

1995 *Exposição do Grupo da Oficina de Criatividade*, Centro Cultural Klinger Filho, Galeria do DMAE, Porto Alegre (RS)

2000 *Três vertentes*, Galeria Modernidade, Novo Hamburgo (RS)

2001 *XV Festival de Arte Cidade de Porto Alegre – Exposição comemorativa aos 40 anos do Atelier Livre*, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre (RS)

2003 *Terra*, Espaço Cultural Koralle, Porto Alegre (RS) [Exposição dos artistas Ana Flores, Belony Ferreira, Rogério Pessôa e Tania Resmini.]

2003 *2º Salão de Artes Plásticas de Gravataí*, Centro de Eventos Intercity Hotel, Gravataí (RS)





Sala XL

Artesul contemporâneo

Presenta dieciocho proyectos de artistas contemporáneos que participaron del 1º Premio IEAVI - Incentivo a la Producción de Artes Visuales, organizado por el Instituto Estadual de Artes Visuales de la Secretaría de Cultura del Estado de Rio Grande del Sur - SEDAC/RS.

Esta exposición colectiva propone ampliar las relaciones entre nosotros, artistas y espectadores, proponiendo que lenguajes y poéticas del arte contemporáneo crucen la frontera y aproximen nuestras culturas, nuestro pensamiento y nuestra estética como cualidad de lo sensible – además de dar continuidad al proyecto de intercambio cultural entre Rio Grande del Sur y Montevideo.

Las obras de Amanda Teixeira, Belony Ferreira, Bongiovanni, Carlos Krauz, Colectivo Alfa y Teta, Colectivo Superficie, Colectivo Infoto, Dirnel Prates, Felipe Caldas, Ió, Lurdi Blauth, Mallson Fantinel, Mariane Rotter, Mayra Redin, Neca Sparta, Raquel Buriol, Rogério Severo, Túlio Pinto y Vitor Butkus, en su conjunto presentan múltiples lenguajes plásticos entre diseños, pinturas, grabados, fotografías, vídeos, objetos e instalaciones en diferentes materiales y soportes. Son fragmentos de proyectos de autor que establecen nuevas relaciones, contrastes y yuxtaposiciones de las formas, posibilitando conocer, ver, pensar, sentir y leer en los textos específicos presentados en cada instalación, las afinidades estéticas, las aproximaciones o las distancias que el arte puede provocar.

Vera Pellin
Directora del IEAVI y Curadora
Porto Alegre/RS - 2013

1º Premio IEAVI - referencia extraída del texto de Elaine Tedesco, Claudia Barbisan, Bernardo de Souza. p. 09 "La percepción de una obra de arte abre, en el imaginario del observador, una serie de relaciones, no siempre lógicas o veraces. Interpretar una obra de arte es distanciarse, es llevarla cada vez más lejos de su origen. Podemos servirnos de la descripción, de la narrativa, de las asociaciones conceptuales y teóricas, de los juegos de palabras, de las memorias afectivas, cada intento de aproximación es un paso más entre el observador y la obra. Apreciar una obra de arte es estar allí, en contacto con ella, percibiendo, dejando simplemente que la experiencia suceda."

ieavi
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS



2004 *Pinturas*, Galeria Delphus, Porto Alegre (RS)

2007 *Arte + Arte – Em nome da Terra*, Galeria Xico Stockinger, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre (RS) [Mostra organizada pela Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa.]

2008 *Projeto Verão Ambiente – A arte recicla a vida*, Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Porto Alegre (RS)

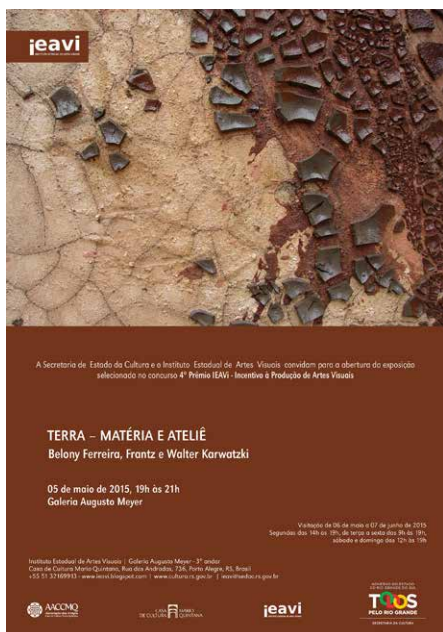
Projeto composto por oficinas, palestras, espetáculos de dança, música e teatro, saraus poéticos, exposições artísticas, sessões de filmes e seminários, que envolveu mais de 200 pessoas, entre os meses de janeiro e março de 2008. Durante o evento, Belony produziu seu grandioso painel *Terra*, obra que, desde então, integra a coleção do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, atual Espaço Força e Luz.

2010 *Arte + Arte – Ensaios contemporâneos*, Galeria Xico Stockinger, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre (RS) [Mostra organizada pela Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa.]

2012 *Idades contemporâneas – Diante da matéria*, com curadoria de Paula Ramos, Galeria Xico Stockinger, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre (RS)

2012 *Cultura que gera memória – Expressão de uma década*, Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Porto Alegre (RS) [Mostra comemorativa aos dez anos da instituição.]

2013 *Artesul contemporâneo*, com curadoria de Vera Pellin, Centro de Exposições Subte, Montevideo, Uruguai [Exposição organizada pelo Instituto Estadual de Artes Visuais / IEAVI.]



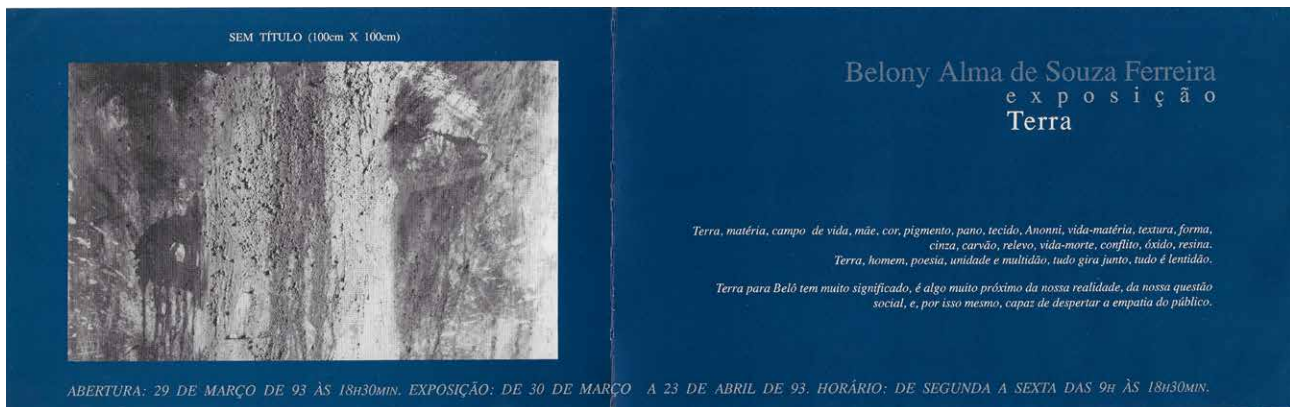
Frantz (Rio Pardo, RS, 1963)
Sem título, 2005
[Livro de artista, 16 páginas]
Tinta sobre tela,
24,5 x 35,5 cm [cada página]
Coleção Paula Ramos,
Porto Alegre

O trabalho de Frantz foi produzido a partir de tela que forrou o ateliê de Belony Ferreira e apresentado na mostra *Terra - Matéria e ateliê*.

2015 *Terra - Matéria e ateliê*, com curadoria de Paula Ramos, Galeria Augusto Meyer, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (RS)

Contemplado com o 4º Prêmio IEAVI – Incentivo à Produção de Artes Visuais, o projeto apresentou fotografias de Walter Karwatzki e pinturas e livros de artista de Antônio Frantz Soares, todos produzidos em diálogo com a obra e o ambiente de trabalho de Belony Ferreira.

2017 *Arte contemporânea do Rio Grande do Sul*, Galeria Czech Centres, Praga, República Tcheca [Exposição organizada pelo Instituto Estadual de Artes Visuais / IEAVI.]



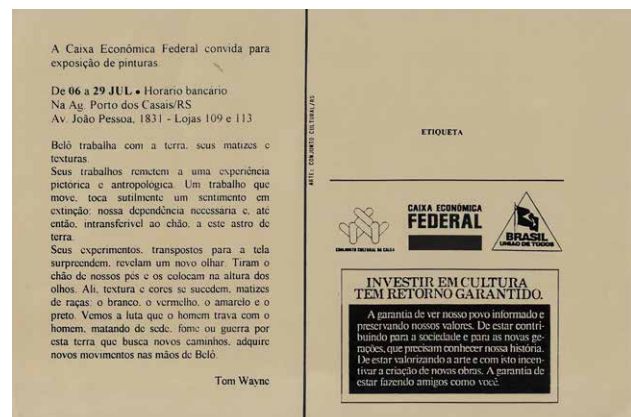
EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1993 *Terra*, Espaço Novos Talentos, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS)

1994 *Pinturas*, Agência Porto dos Casais, Caixa Econômica Federal, Porto Alegre (RS)

1997 *Belony Ferreira*, Galeria Clébio Sória, Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS) [Exposição realizada como atividade especial da Câmara Municipal de Porto Alegre, durante a Semana do Meio Ambiente.]

1998 *Retorno à Terra*, Espaço Cultural Fala Brasil, Porto Alegre (RS)



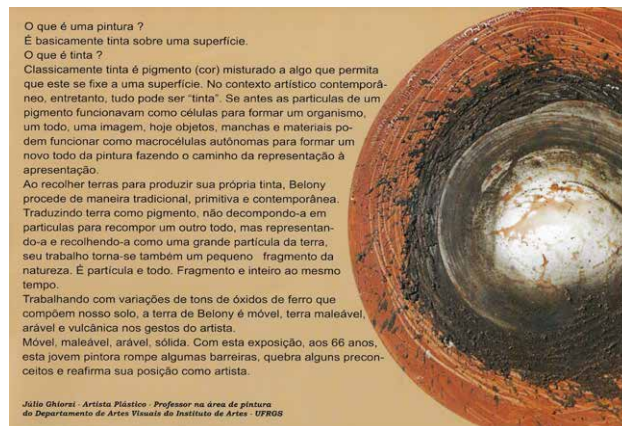
1999 *Terra*, Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia – Regional Sul, Porto Alegre (RS)

2000 *Terra*, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (RS)



2001 *Terra – Belony Ferreira*, Galeria de Artes do Centro Cultural SESC, Porto Alegre (RS) [Artista convidada para realizar a exposição inaugural do espaço.]





2001 *Belony Ferreira – Terra*, Galeria Modernidade, Novo Hamburgo (RS)

2004 *Belony Ferreira – Telas em terra*, Salão Adel Carvalho, Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

2007 *Terra Brasilis*, Espaço Cultural do Tribunal Regional do Trabalho, Porto Alegre (RS)



2007 *Como um ritual – Desenhos de Belony Ferreira*, Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo (RS)

2007 *Belony Ferreira – Pinturas recentes*, Galeria Modernidade, Novo Hamburgo (RS)

2008 *Belony Ferreira na Semana do Meio Ambiente*, Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Taquara (RS)



2011 *Dezenhos*, Espaço Maurício Rosenblatt, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (RS)

2024 *Belony Ferreira – Alma Terra*, com curadoria de Paula Ramos, Ocre Galeria, Porto Alegre (RS)

Apresentada de 21 de novembro a 21 de dezembro de 2024, a exposição marcou o início das comemorações dos 90 anos de Belony, completados em julho de 2025. Feito uma pequena antologia, a mostra reuniu pinturas produzidas nas duas últimas décadas. No dia 11 de dezembro, durante a roda de conversa com a artista, foi lançado o presente livro, cuja finalização só foi possível graças ao envolvimento de dezenas de apoiadores.



um dos residentes do Grupo dos Cinco. A partir de proposição dele e da atriz Sandra Alencar, foi feito convite a Belony Ferreira, para que ela participasse de atividades, em um evento interativo, de caráter sensorial, que unisse pintura e *performance*. Foram três edições desse evento, todas apresentadas na Usina do Gasômetro.

2005 *Levantados do Chão – Sarau Visual*, sala 404 do Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS) [Sarau apresentado no dia 9 de novembro de 2005, com proposição cênica de Beto Russo e *performance* da atriz Sandra Alencar.]

2006 *Terra – Sarau Visual*, sala 404 do Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS) [Sarau apresentado no dia 28 de novembro de 2006, com proposição cênica de Beto Russo e *performance* das atrizes Alessandra Carvalho e Sandra Alencar.]

2011 *Barro – Sarau Visual*, sala 505 do Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS) [Sarau apresentado no dia 16 de agosto de 2011, com proposição cênica de Beto Russo e *performance* das atrizes Alessandra Carvalho, Elaine Regina, Margarida Rache, Patrícia Soso e Sandra Alencar.]

OFICINAS MINISTRADAS

Desde que iniciou sua trajetória artística, Belony Ferreira ministrou uma série de oficinas abertas à comunidade, oferecidas, sobretudo, a estudantes das redes públicas de ensino, municipal e estadual. Geralmente com duração de um turno, as atividades propiciavam o contato dos participantes com a terra, matéria-prima da artista, revelando sua plasticidade e potência como material de trabalho. Foram dezenas de oficinas ao longo dos anos. Dessas, Belony guarda o registro de algumas.

1993 *Oficina Terra*, Escola Municipal Dom Carlos, Porto Alegre (RS)



Registros fotográficos de oficinas ministradas por Belony junto a escolas das redes públicas de ensino, municipal e estadual, em Porto Alegre. Na página ao lado, alguns trabalhos desenvolvidos pelas crianças.

Acervo pessoal da artista

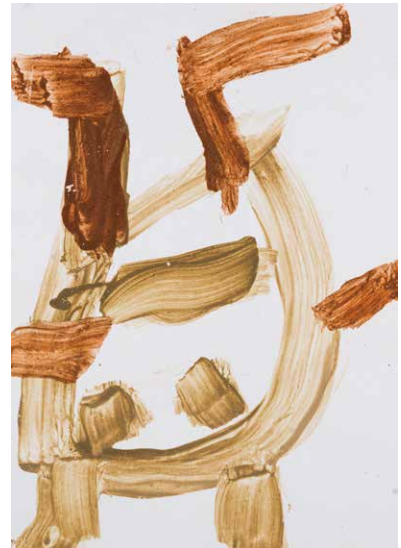


1993 *Oficina Terra*, Escola Meladinho, Porto Alegre (RS)

1995 *Oficina de criatividade*, Centro Cultural Klinger Filho, Galeria do DMAE, Porto Alegre (RS)

1997 *Oficina de pintura com terra e recursos naturais*, Galeria Clébio Sória, Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS) [Oficina ministrada concomitantemente à exposição individual da artista no espaço, durante a Semana do Meio Ambiente.]

1998 *Simplesmente Terra*, projeto com apoio do Fumproarte, o Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre, realizado junto a 12 escolas públicas municipais. São elas: Escola Municipal Morro da Cruz, Escola Municipal Vila Tronco, Escola Municipal Chico Mendes, Escola Municipal Wenceslau Fontoura, Escola Municipal Ponta Grossa, Escola Neuza Goulart Brizola, Escola Especial Cristão Sucupira Viana,





Com patrocínio da Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente e o envolvimento das religiosas, Belony realizou uma série de oficinas, compartilhando muito do que ela própria, ao longo dos anos, havia aprendido: conscientização e movimento corporal, uso e respeito à terra, Reiki.

O final do projeto foi marcado por uma exposição no ambiente da Oficina Sapato Florido, da Casa de Cultura Mario Quintana, que exibiu os trabalhos e os registros documentais. Para o dia da inauguração, a equipe se articulou e conseguiu três ônibus gratuitos, que levaram não somente as meninas, mas seus familiares, para prestigiar a mostra. *Um novo olhar* conquistou Menção Honrosa no Programa Rumos Itaú Cultural, na categoria “Educação não-formal em Artes”.

Registros de atividades desenvolvidas no âmbito do projeto *Um novo olhar*, realizado no Centro Infanto-juvenil Monteiro Lobato, entre os anos de 2002 e 2003.

Acervo pessoal da artista

2002 *Oficina de experimentação em pintura com terra – Redescobrimo a Terra*, durante o 2º Fórum Social Mundial, Porto Alegre (RS)

2003 *Oficina Terra*, nas comemorações dos 10 anos do Fumproarte, o Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

2003 *Oficina de experimentação em pintura com terra*, durante o 3º Fórum Social Mundial, Porto Alegre (RS)

2004 *Oficina Terra*, Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS) [Oficina realizada em paralelo à exposição individual da artista no espaço.]

- 2004 *Oficina Terra*, Espaço Comunitário Vila Fátima, Porto Alegre (RS) [Oficina realizada no âmbito do programa de Descentralização da Cultura da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre.]
- 2007 *Oficina Terra*, Colégio Maria Imaculada, Porto Alegre (RS)
- 2008 *Oficina papel com areias de terra, água e luz*, Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Porto Alegre (RS)
- 2010 *Oficina Terra*, 3ª Edição Bionat – Feira de Sustentabilidade, Centro Cultural Usina do Gasômetro, Porto Alegre (RS)
- 2012 *Pintura com terra*, Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Porto Alegre (RS) [Oficina realizada durante a mostra *Cultura que gera memória – Expressão de uma década*, comemorativa aos dez anos da instituição.]
- 2012 *Oficina Terra*, Galeria Virtual Vendo Arte, Porto Alegre (RS)
- 2012 *Oficina Terra*, desenvolvida no âmbito do Projeto Etnias, da Secretaria Estadual de Educação, e apresentada em três escolas estaduais da cidade de Cachoeirinha (RS)
- 2013 *Oficina Filhos da Terra*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre (RS) [Oficina realizada no âmbito do VI Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária.]
- 2013 *Oficina Filhos da Terra, em diálogo com a obra literária de André Neves*, Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Porto Alegre (RS) [Oficina realizada na Biblioteca Ramal 1 – Restinga, ligada à Biblioteca Municipal Josué Guimarães, do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.]
- 2013 *Oficina Terra*, Escola de Educação Infantil Amigo, Porto Alegre (RS)
- 2013 *Oficina Terra*, Espaço Comunitário Barracão, Vila Cruzeiro do Sul, Porto Alegre (RS)

PRÊMIOS

2000 Prêmio Lupicínio Rodrigues, pelo conjunto da obra, concedido pela Câmara Municipal de Porto Alegre [Homenagem em sessão solene na Câmara Municipal de Porto Alegre, a 31 de agosto de 2000, a partir de proposição do então vereador José Valdir.]

2011 1º Prêmio IEAVI – Incentivo à Produção de Artes Visuais [O prêmio oportunizou a exposição *Dezenhos*, apresentada no Espaço Maurício Rosenblatt, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (RS), no mesmo ano de 2011.]

2015 4º Prêmio IEAVI – Incentivo à Produção de Artes Visuais [O prêmio oportunizou a exposição *Terra – Matéria e ateliê*, com os artistas Antônio Frantz Soares e Walter Karwatzki e curadoria de Paula Ramos, apresentada na Galeria Augusto Meyer, Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre.]



Belony Ferreira recebendo o Prêmio Lupicínio Rodrigues, concedido pela Câmara Municipal de Porto Alegre, 2000. Acervo pessoal da artista

COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PÚBLICAS

Centro Cultural Erico Verissimo, Porto Alegre (RS)

Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Taquara (RS)

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre (RS)

Pinacoteca Aldo Locatelli, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre (RS)





SOBRE AS AUTORAS

MARIA HELENA BERNARDES

(Porto Alegre, RS, 1966)

Artista visual e professora de História e Teorias da Arte. Coautora do Projeto Areal (2000–2012) e criadora do Observatório de Sensibilidades Morro da Borússia (desde 2013). Seus livros, ensaios e crônicas giram em torno de experiências artísticas, narrativas orais, reflexões sobre a arte e ações em arte contemporânea compartilhadas com outros autores. Entre suas publicações, constam: *Vaga em campo de rejeito* (2003), *Pequenas crônicas à distância e daqui mesmo* (2003), *Histórias de Península e Praia Grande/Arranco* (2009), *Dilúvio* (2010), *Ensaio* (2011), *A estrada que não sabe de nada* (2011), *A dança do corpo seco* (2019), *Esse mato nos fundos de casa* (2021) e *Vazante-crescente* (2023). Vive e trabalha em Porto Alegre.

PAOLA ZORDAN

(Porto Alegre, RS, 1970)

Artista visual, professora do Instituto de Artes da UFRGS e membro da linha de pesquisa Escriteiras, Artistagens, Variações, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Escreveu e ilustrou diversas publicações, com destaque para *Mulher tornada: segredos de um astroblema* (2022) e *Gaia educação: arte e filosofia da diferença* (2019). Organizou coletâneas a partir de poéticas visuais, como C.O.N.T.A.S (2024), e livros advindos das redes de pesquisa: *Lições de má-educação* (2020) – no qual redesenhou as gravuras da série *Los caprichos*, de Goya –, *Secretações* (2013) e *Educar com poesia* (2014), reunindo imagens e escritos de orientandos.

Trabalha desígnios geoplásticos contracoloniais envolvendo o que nomeia “idolatria iconoclasta”. Vive e trabalha entre Xangri-lá e Porto Alegre.

PAULA RAMOS

(Caxias do Sul, RS, 1974)

Crítica, curadora e historiadora da arte, professora do Instituto de Artes da UFRGS e membro da linha de pesquisa Imagens, Culturas e Memória, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. É autora e organizadora de diversas publicações em artes visuais, com destaque para *A fotografia de Luiz Carlos Felizardo* (2011), *Frantz – O ateliê como pintura* (2011), *Beatriz Balen Susin – Transfigurações do real* (2011), *Walmor Corrêa – O estranho assimilado* (2015), *Zoravia Bettiol – O lírico e o onírico* (2017) (em coautoria com Paulo Gomes) e *Lenir de Miranda – Pintura périplo* (2019) (em coautoria com Icleia Cattani). Em 2006, organizou *A madrugada da modernidade (1926)* e, dez anos depois, publicou *A modernidade impressa – Artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre* (2016), ambos resultados de suas pesquisas acadêmicas. Vive e trabalha em Porto Alegre.

SANDRA ALENCAR

(São Paulo, SP, 1966)

Atriz, jornalista, professora e pesquisadora das artes da cena. Radicada no Rio de Janeiro, é integrante do grupo Amok Teatro e do núcleo LIAD – Laboratório de Investigação Artaud-Decroux, sob direção de Ana Teixeira e Stephane Brodt. Idealizadora da oficina O Corpo Físico e o Corpo Sensível, dedicada à investigação das estruturas de ativação da presença e da materialidade da voz, sendo esta oficina decorrente do projeto Ateliê de Pesquisa do Ator – APA (Sesc Paraty, RJ), no qual atuou como atriz pesquisadora durante cinco anos (2014–2019), sob orientação pedagógica de Carlos Simioni (Lume Teatro) e Stephane Brodt (Amok Teatro). Em Porto Alegre, foi integrante da Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz – sendo autora do primeiro livro sobre o grupo, *Atuadores da Paixão* (1997) – e do Grupo dos Cinco, com o qual participou do projeto Usina das Artes, no Centro Cultural Usina do Gasômetro, entre 2005 e 2010.

APOIADORES

Entre os dias seis de agosto e cinco de outubro de 2024, foi realizada a campanha de financiamento coletivo/pré-venda, via plataforma *Catarse.me*, para arrecadar as verbas necessárias à impressão e à distribuição deste livro. O projeto contou com a colaboração de 110 pessoas. A todos, nosso imenso agradecimento!

Adeli Sell
Ana Flores
Ana Inda
Anderson Astor
André Venzon
Andreia Dalla Lana
Anelise Vera Kieling
Beatriz Balen Susin
Bernadete Maria Dalmolin
Carla Colombo
Carlos Augusto Nunes Camargo
Carmen Rosana Irala Fonseca
Carolina Kazue Morita
Carolina Wayne Ferreira
Cerisa Araujo da Silva
Charles Monteiro
Claudia Porcellis Aristimunha
Cleonice Renault
Cló Barcellos
Cristine Porsche

Daniel Cerato Germann
Daniel Silva
Diego Groisman
Dirceu Fraga Guimarães
Dirnei Prates
Eduardo Andrejew Ferreira
Elena Salvatori
Eliana Gonzales Rodrigues
Elisabete de Medeiros Zelmanowicz
Elisandra Maia
Fabiana Maia
Fabio Del Re
Gabriela Motta
Gilberto Menegaz
Glauber Funez
Gleisa Ailveira da Fontoura
Guilherme Bender Sartori
Helena D'Ávila
Horacio Dottori
Iago Frozza

Ilita Patricio
Isabel Porto Nogueira
Isis Borella
Jamile Wayne
João Gallo de Almeida
Jorge Lima
Jorge Luiz Souza Ferreira
Katia Janaina Zanini
León Naifleisch
Lizângela Guerra
Luciana Farias Pereira
Luciane Franke
Maíra Flores
Marcelo Ferreira
Marcos Ortiz
Margarete Axt
Maria Aparecida Ferreira Frozza
Maria Clara Bueno Fischer
Maria Cristina Azevedo Moura
Maria da Graça Gubert
Maria Helena Bernardes
Maria Ilce Pozics
Maria Luisa Silveira da Fontoura
Maria Terezinha Guimarães
Marina Camargo
Mariuá Frozza
Mariza Carpes
Marta Cristina Lemos
Mauricio Susin
Melaine Pereira de Morais
Miguel Tesser
Nara Amelia Melo da Silva
Nara Guichon
Neiva Baez
Nik Neves
Nilda Aparecida Jacks
Nilva Marques Silva
Ocre Galeria
Paola Zordan
Patricia Pasini
Paula Beatriz Zardo Oliva
Paula Ramos
Paulo Cesar Ribeiro Gomes
Paulo Perazzoli
Pedro Berta Wayne
Pedro Biz
Pedro Marques de Souza
Priscila Ferraz Bortolini
Renato Antônio Merker
Roberta de Castilhos Zanette
Roberto Ilhescas
Rodrigo Jazz
Rogerio Francisco Sanchotene Severo
Rógier Capellini
Rosana Toniolo Pozzobon
Samantha Bolze Zilio
Sandra Alencar
Sandra Mara Moura
Seimur Serafini
Suzel Costamilan Paes
Téti Waldraff
Vera Pellin
Vera Regina Py
Vilma Sonaglio
Vitor Alevato do Amaral
Vítor Ferreira
Viviam Teixeira da Rocha
Yuri Wayne Ferreira
Wesley Stutz
Wilson Kindlein Junior

EQUIPE

coordenação editorial

PAULA RAMOS

textos

MARIA HELENA BERNARDES

PAOLA ZORDAN

PAULA RAMOS

SANDRA ALENCAR

pesquisa

MAÍRA FLORES

coordenação de imagem

ANDERSON ASTOR

design de capa

PEDRO BIZ

design gráfico

PAULA RAMOS

PEDRO BIZ

diagramação

PEDRO BIZ

revisão de texto

DIEGO GROISMAN

produção gráfica

GILBERTO MENEGAZ

impressão e acabamento

COAN INDÚSTRIA GRÁFICA

créditos fotográficos

ANDERSON ASTOR

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 14, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 102, 103, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 139, 144, 145, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 160

FABIO DEL RE

99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 109

LEÓN NAIFLEISCH (www.kiranfoto.com)

16, 35, 38, 39, 40, 41, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 158

PAULA RAMOS

43, 45, 82, 83





Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Marta Cristina M. Lemos – CRB-10/835

B452 Belony Ferreira : alma terra / Paula Ramos (Org.) ;
textos [de] Maria Helena Bernardes, Paola Zordan, Paula Ramos, Sandra Alencar.
– Porto Alegre (RS) : Imagens da Terra Editora , 2024.
160 p. : il. , fotografias ; 21 cm x 24 cm.

ISBN 978-65-89637-04-2

1. Pintura – Rio Grande do Sul. 2. Pintura contemporânea. 3. Arte contemporânea.
4. Artes plásticas – Processo artístico. 5. Ferreira, Belony – Vida e obra. I. Ramos, Paula.
II. Bernardes, Maria Helena. III. Zordan, Paola. IV. Alencar, Sandra.

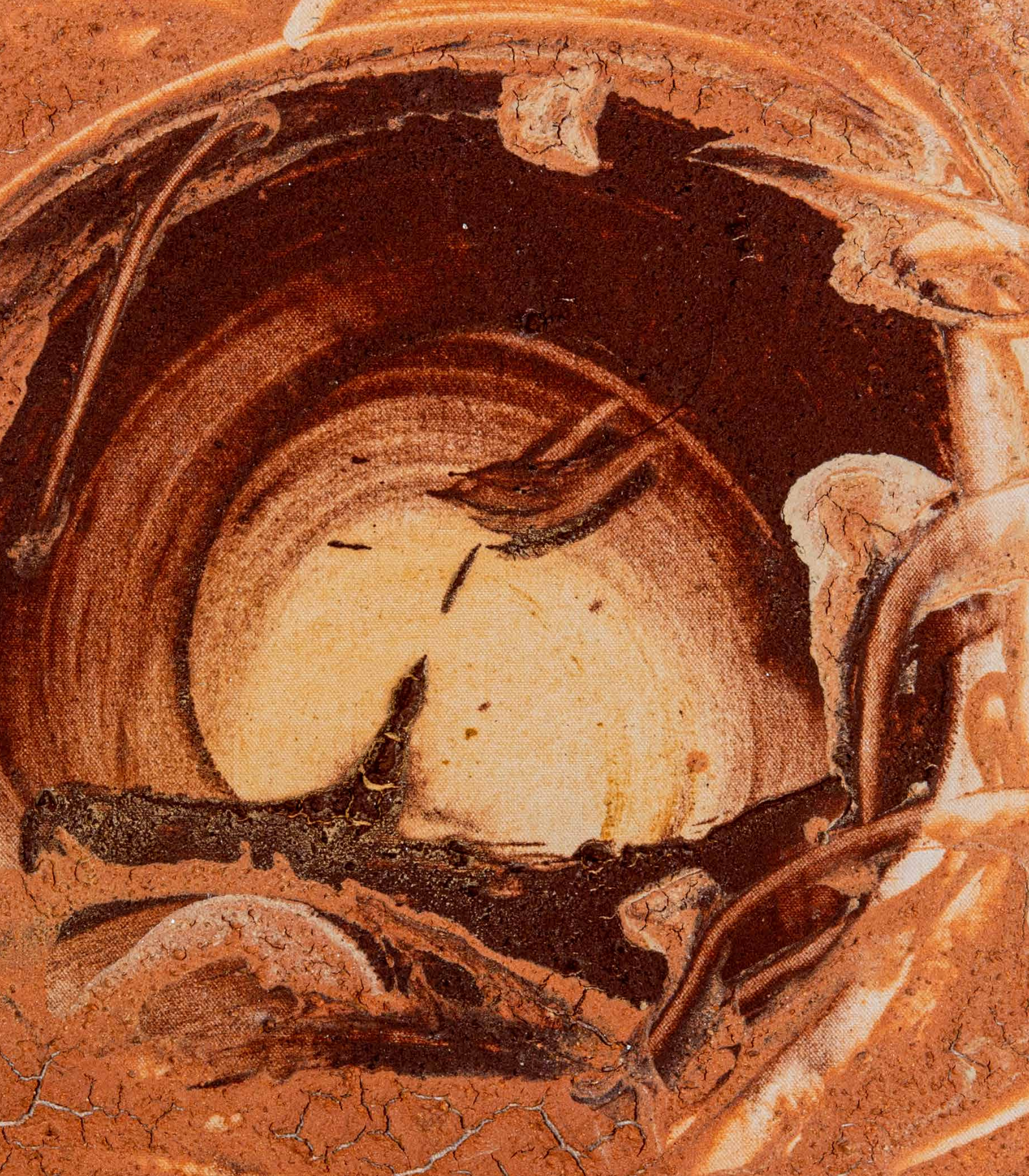
CDU 75 (816.5)

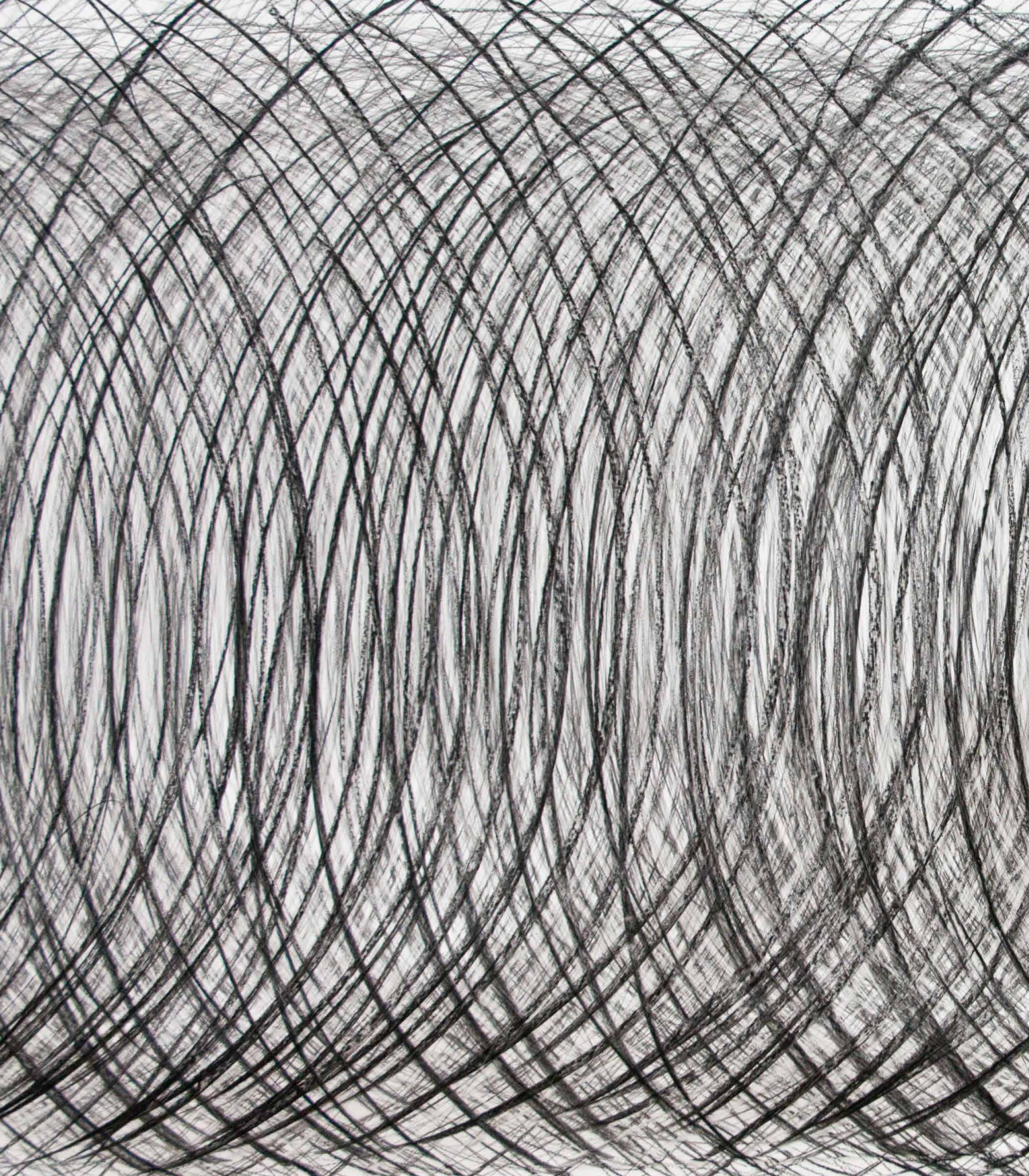
Este livro tem tamanho 21 x 24 cm e traz, no miolo,
papel couchê fosco 150 g/m². O texto foi composto
com as famílias tipográficas Niveau Grotesk e Scala Pro.
A impressão e o acabamento foram realizados pela
Coan Indústria Gráfica, em Tubarão, Santa Catarina,
em novembro de 2024.

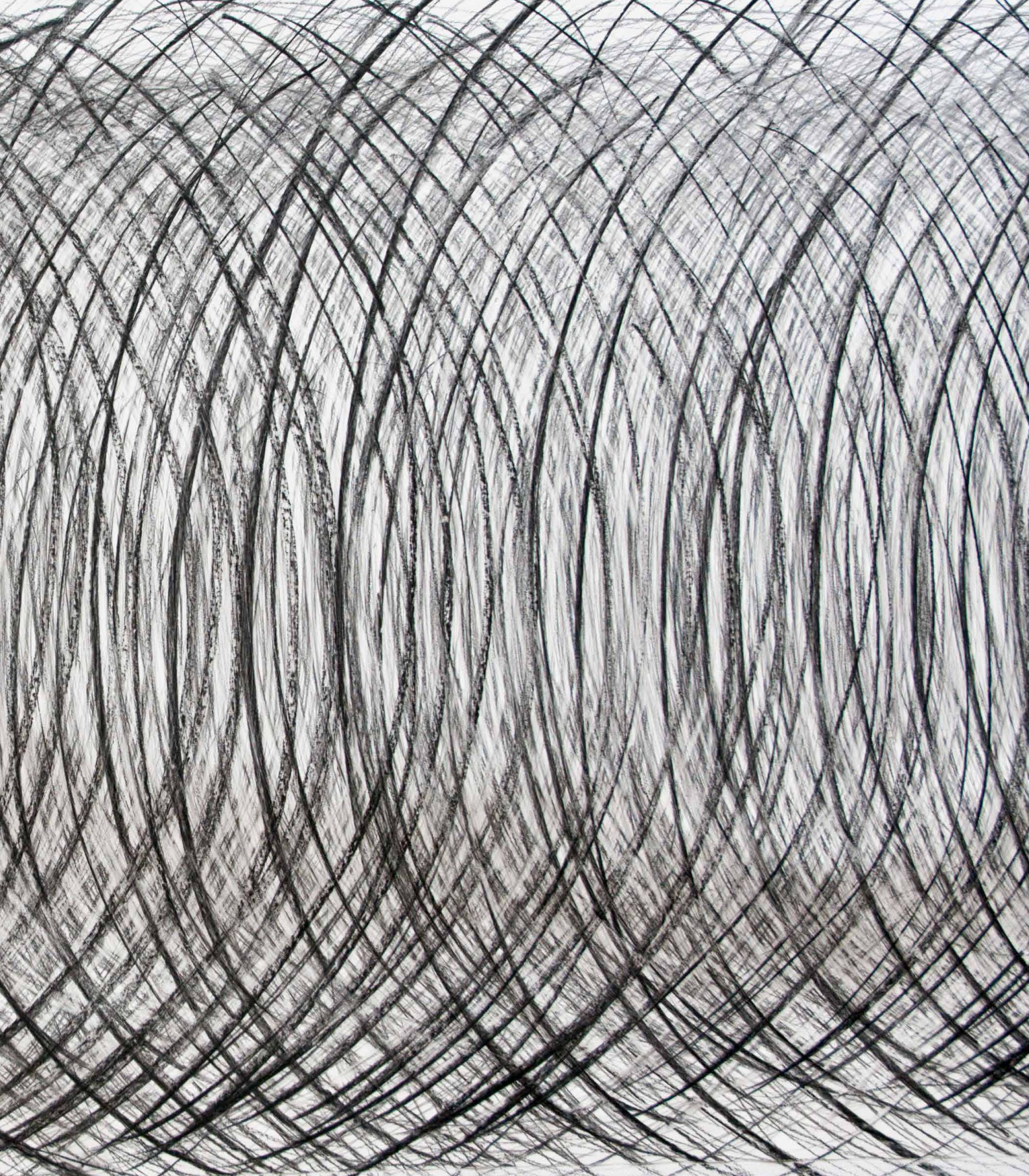




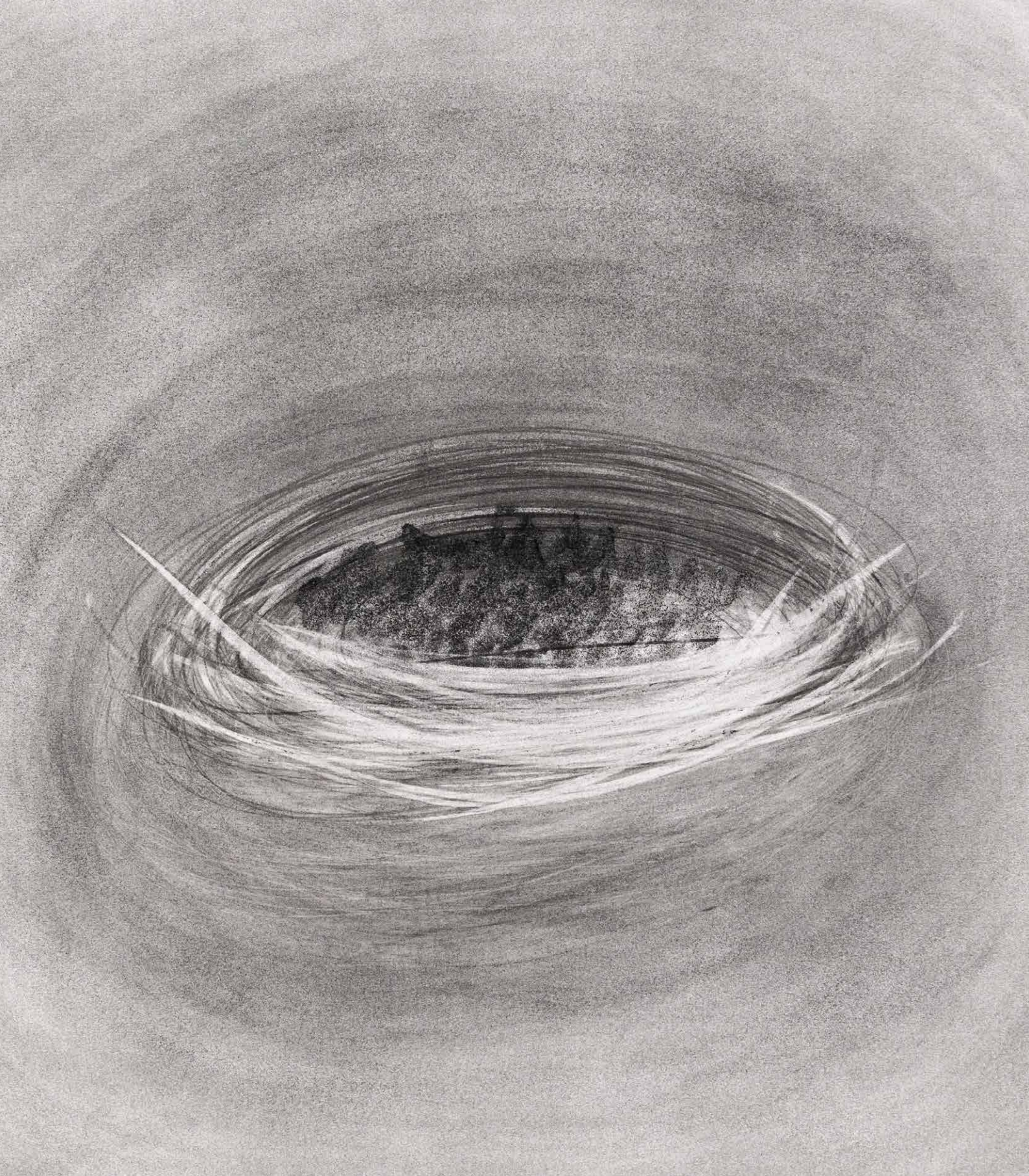


















ISBN 978-65-89637-04-2



9 786589 637042